

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A língua é igual chicote: a produção de sentidos sobre raça e gênero a partir do Big  
Brother Brasil**

**Vitor Hugo Sant'Anna Rodrigues**

**Porto Alegre, 2021**

Vitor Hugo Sant'Anna Rodrigues

**A língua é igual chicote: a produção de sentidos sobre raça e gênero a partir do Big Brother Brasil**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Oriana Holsbach Hadler

Comentadora: Paula Sandrine Machado

**Porto Alegre, 2021**

## **Agradecimentos**

Esse trabalho foi escrito em tempos pandêmicos, desde Dezembro de 2019 esse trabalho está sendo pensado e construído, e durante esse tempo, pra além das conversas sobre a pandemia e suas implicações, eu estive muito restrito em relação a assuntos: todas as minhas conversas terminavam em Big Brother Brasil. Por isso é preciso agradecer a minha mãe, meu pai e todas as minhas amigas que tiveram a paciência necessária para a falta de variedade nas minhas conversas, assim como a segurança de que esses dias terminariam e a confiança na minha competência para escrever sobre esse tema.

Agradeço especialmente Rafaela Sant'Anna Rodrigues, a minha irmã, que sempre me acompanhou para assistir o programa e, durante esse processo de escrita, ela conversou comigo inúmeras vezes sobre a produção desse trabalho e o caminho que estava traçando; ela acrescentou muito para a discussão desse escrito, me enviando diversas referências e me auxiliando a ter uma visão mais interdisciplinar sobre o programa, devido a sua formação em Publicidade e Propaganda que está em progresso.

Também sou muito grato pela minha orientadora, Oriana Holsbach Hadler, que acreditou no meu trabalho e confiou em mim, além de ter me conduzido e inspirado de forma afetiva, ágil e genial, não só durante essa escrita, mas durante boa parte da graduação.

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo utilizar o Big Brother Brasil 20 como ponto de partida para uma análise dos efeitos midiáticos na produção de marcadores sociais da diferença. Para tal, serão mapeadas e analisadas produções midiáticas a partir de redes sociais, com o foco no *Twitter*, que tragam publicações relacionadas ao BBB20, que foram publicadas no espaço de tempo de exibição do programa — 21 de janeiro de 2020 a 27 de abril de 2020 — e que façam articulação com os seguintes marcadores sociais: gênero e raça. A análise desse material se baseará nos estudos de Michel Foucault e autoras como Avtar Brah e Maria Aparecida Silva Bento para pensar como os discursos do Big Brother Brasil produzem efeitos nos marcadores sociais de raça e gênero.

## **Abstract**

This essay aims to analyze the media effects on the production of social marks of difference based on the reality show Big Brother Brasil 20. Furthermore, productions from the social media Twitter that are related to the show and that articulates with the following social marks of difference: gender and race, posted between the time gap of the reality show display — January 21th, 2020 to April 27th, 2020 — will be mapped and analyzed. Moreover, theories from Foucault and other authors such as Avtar Brah and Maria Aparecida Silva Bento will be the literature used to analyze how Big Brother Brasil's discourse affects the social marks of race and gender.

## Sumário

<b>Glossário BBB</b>	<b>5</b>
<b>Participantes do BBB 20</b>	<b>6</b>
<b>Eliminação da Bianca: o plano deles deu certo?</b>	<b>7</b>
<b>O que ele(s) tinha(m) na cabeça?</b>	<b>9</b>
<b>Mídia, Poder, Raça e Gênero</b>	<b>14</b>
<b>As regras do jogo</b>	<b>20</b>
<b>Conversa de março e as injustiças raciais</b>	<b>24</b>
<b>Comunidade hippie e a branquitude</b>	<b>27</b>
<b>Por dentro da casa mais vigiada do Brasil e o olho do poder</b>	<b>31</b>
<b>Parcial I: confessionário e raio-x</b>	<b>39</b>
<b>Parcial II: os VTs e influenciadores digitais</b>	<b>42</b>
<b>Já fez seu VT?</b>	<b>47</b>
<b>Qualquer coisa me bota na próxima edição</b>	<b>49</b>
<b>Referências</b>	<b>51</b>

## Glossário BBB

1. **ADM** - Abreviação de administrador, são as pessoas e assessorias dos participantes que fazem postagens e cuidam das redes sociais oficiais deles.
2. **Anjo** - É a ou o participante que ganhou a prova do anjo, pode imunizar outro jogador aquela semana e impedir essa pessoa de ir para o paredão.
3. **Camarote** - São os participantes do BBB 20 que não precisaram se inscrever no jogo, foram convidados para participar, possuem *status* de celebridade aqui fora da casa.
4. **Casa de Vidro** - Uma casa totalmente feita de vidro que fica em algum shopping movimentado com 4 participantes em potencial, o público vota por dois que querem ver na casa oficial.
5. **Comunidade Hippie** - Termo utilizado por fãs para se referir ao grupo, inicialmente, favorito da vigésima edição, composto por Daniel, Gizelly, Ivy, Manu, Marcela, Pyong, Rafa e Thelma.
6. **Confessionário** - Cômodo da casa onde acontecem as votações e o raio x.
7. **Estaleca** - O dinheiro que os participantes recebem dentro do programa para cumprir com algumas funções, mas principalmente comprar comida. Esse dinheiro também é descontado deles quando fazem algo que não deveriam, como falar sem o microfone ou perder o raio-X, por exemplo.
8. **Jogo da discórdia** - Atividade que acontece entre os participantes para gerar desentendimentos e movimentar o jogo, acontecem no ao vivo e são obrigatórias, geralmente para os participantes falarem sobre sua visão do jogo e a visão sobre os outros.
9. **Líder** - É a pessoa que ganhou a prova do líder, está imune e a pessoa que indicar na formação do paredão está direto no paredão. Essa pessoa também usufrui do quarto do líder e decide quem está no VIP e quem está na xepa.
10. **Monstro** - A pessoa que ganha a prova do anjo indica duas ou mais pessoas para o monstro, é uma atividade incômoda que as pessoas indicadas tem que fazer em horários determinados pela produção, costuma incluir roupas caricatas e desconfortáveis.
11. **Paredão** - Termo nomeado por um dos ex participantes, define a situação que estão as pessoas que correm o risco de serem eliminadas, acontece toda a semana, algumas vezes mais de uma vez por semana.
12. **Pipoca** - Grupo contrário ao camarote, são as pessoas que se inscreveram para participar do programa.
13. **Raio X** - Atividade obrigatória, todos os participantes devem fazer uma descrição do seu dia, falar sobre o que fizeram e vão fazer.
14. **Sofá** - Gíria que se refere às pessoas que só acompanham o programa pela TV aberta.
15. **VIP** - Grupo que o líder da semana escolhe para ter mais variedade de comida.
16. **VT** - Abreviação de *videotape*, se refere aos recortes dos participantes que a Rede Globo faz para aparecer no programa em TV aberta.
17. **Xepa** - Grupo contrário do VIP, quem o líder não escolhe. Tem menos variedade de comida e menos estalecas.

## Participantes do BBB 20

1. **Babu** (Alexandre da Silva Santana) - é um homem cisgênero negro, ator e entrou como camarote.
2. **Boca Rosa** (Bianca Andrade da Silva) - é uma mulher cisgênero branca, influenciadora digital e empresária e entrou como camarote.
3. **Chumbo** (Lucas Yan Cabral Azerado Chianca) - é um homem cisgênero branco, é surfista e entrou como camarote.
4. **Daniel** (Daniel Xavier Lenhardt) - é um homem cisgênero branco, ator e modelo e entrou como pipoca pela casa de vidro.
5. **Prior** (Felipe Antoniazzi Prior) - é um homem cisgênero branco, arquiteto e entrou como pipoca.
6. **Flay** (Flayslane Raiane Pereira da Silva) - uma mulher cisgênero negra, cantora e entrou como pipoca.
7. **Gabi** (Gabriela Piedade Martins) - uma mulher cisgênero branca, cantora e entrou como camarote.
8. **Gizelly** (Gizelly Bicalho Abreu) - uma mulher cisgênero branca, advogada e entrou como pipoca.
9. **Guilherme** (Guilherme Napolitano Camargo Mariotto Pieroni) - um homem cisgênero branco, jornalista e modelo e entrou como pipoca.
10. **Hadson** (Hadson da Silva Nery) - um homem cisgênero branco, ex-jogador de futebol e entrou como pipoca.
11. **Ivy** (Ivy Moraes Barbosa) - uma mulher cisgênero branca, modelo e entrou como pipoca pela casa de vidro.
12. **Lucas** (Lucas Becker Gallina) - um homem cisgênero branco, fisioterapeuta e entrou como pipoca.
13. **Manu** (Manoela Latini Gavassi Francisco) - uma mulher cisgênero branca, cantora e atriz e entrou como camarote.
14. **Marcela** (Marcela Olmedo Mc Gowan) - mulher cisgênero branca, médica e entrou como pipoca.
15. **Mari** (Mariana Decânio Gonzalez) - mulher cisgênero branca, influenciadora digital e entrou como camarote.
16. **Petrix** (Petrix Stevan Aguiar Barbosa) - homem cisgênero branco, ginasta e entrou como camarote.
17. **Pyong** (Jaime Young-Lae Cho) - homem cisgênero asiático, influenciador digital e entrou como camarote.
18. **Rafa** (Rafaella Freitas Ferreira de Castro Matthaus) - mulher cisgênero branca, influenciadora digital e entrou como camarote.
19. **Thelma** (Thelma Regina Maria dos Santos Assis) mulher cisgênero negra, médica e entrou como pipoca.
20. **Victor Hugo** (Victor Hugo Silva Texeira) homem cisgênero branco, psicólogo e entrou como pipoca.

## **Eliminação da Bianca: o plano deles deu certo?**

Era uma noite de verão, fevereiro de 2020, o feriado de carnaval se aproximava e várias famílias e amigos se reuniam para festejar ou apenas passar um tempo juntos. Em uma colônia de férias de frente para a praia isso não seria diferente, várias pessoas se hospedaram lotando os quartos do local; à noite, não havia muito o que fazer, considerando que os atrativos da praia eram maiores durante o dia, então muitos dos hóspedes ansiavam pelo Big Brother Brasil, principalmente em noites que aconteceria o paredão, quando um dos participantes é eliminado da casa mais vigiada do Brasil.

Solange<sup>1</sup> caminhava pelo corredor arejado da colônia com pressa, seus cachos volumosos balançavam de um lado para o outro enquanto a garota de quinze anos se movia, “espera por mim, eu vou também!” gritava Eduardo, primo de Solange, um garoto negro com a pele mais clara que a dela, e cinco anos mais velho que a garota. “A Emily não vai vir?” ela perguntou diminuindo a velocidade ao chegar no topo da escada com Eduardo logo atrás dela, ele logo respondeu enquanto os dois desciam juntos as escadas “ela tá pegando algumas coisas pra gente comer lá”. O garoto pegou seu celular assim que terminou de falar para continuar a votação que teve que interromper quando se arrumava para sair do quarto com a Sol.

Seguiram à esquerda no corredor do primeiro andar e logo chegaram na sala de TV da colônia, se sentaram no fundo da sala percebendo que chegaram cedo e a novela ainda não tinha acabado. “Você continua votando?” perguntou Solange notando que seu primo estava vidrado no celular “não vota nele, a Bianca tem que sair, ela quase traiu o namorado!”, ela balançava sua cabeça de forma irritada enquanto falava. “Os meninos fizeram um plano pra dar em cima das minas comprometidas pra queimar elas aqui fora, o plano machista deu certo e você quer punir a mulher?”, Eduardo falava com firmeza, sem nem perceber o tom irritado de sua prima, continuava votando de forma automática não tirando os olhos do celular nem por um segundo.

A sala de TV era espaçosa, as cadeiras brancas desconfortáveis e parecidas com as de uma sala de espera de um hospital; estavam todas enfileiradas em oito colunas e com uma TV grande de tela plana na frente. Duas senhoras saíam da sala ao ver que a novela havia acabado e logo o reality show estaria começando; ao mesmo tempo que várias pessoas

---

<sup>1</sup> Nomes fictícios.



entravam na sala, dentre eles um homem e uma mulher mais velhos, vários adolescentes e alguns jovens adultos.

Emily, irmã mais nova de Eduardo, era uma das jovens que chegava, estava com os cabelos cacheados presos e trazia nas mãos uma sacola com três pacotes de biscoito e três garrafas pequenas de refrigerante, ela se sentou ao lado de sua prima distribuindo os aperitivos para ela e seu irmão.

“Emi, ele não para de votar, tô ficando incomodada!”, Solange falou ansiosa e Emily deixou um riso abafado escapar, “Dudu, deixa ela votar uma vez na Bianca também” ela disse tentando acalmar a prima, “mas a Sol pode votar no celular dela, não tá votando porque não quer” os dois riam baixo enquanto a mais nova pegava o celular o balançando “Eu não consigo me cadastrar no Gshow!”, apenas causando mais risos.

Quando o programa começou, Solange já tinha desistido de se cadastrar no site e Eduardo aos poucos foi perdendo o ritmo de vezes que votava, se distraíndo com a edição dos acontecimentos que passavam na TV e com a conversa das meninas.

“Olha quem tá chegando.. eu não acredito que ela veio pra cá também, aff”, Sol falava com Emily apontando discretamente com um movimento de cabeça para uma menina branca ainda mais nova que ela, “ela é insuportável” explicou para seu primo que não a conhecia e demonstrava um pouco de curiosidade nos sussurros das meninas “ah... então ela é a Michelle? A Emi disse que ela era chata mesmo”, disse segurando o riso vendo a careta de Sol ao perceber que a garota de quem falavam se sentava na fileira em frente a deles.

Andressa, uma garota asiática que acompanhava Michelle, se virava para cumprimentar Sol com um sorriso, “quem você quer que saia hoje?”, ela perguntou animada enquanto Michelle com uma expressão antipática também se virava para escutar a resposta: “a Bianca, e você?”; Solange respondia cordialmente com os olhos fixos apenas em Andressa, “eu também!” e as duas fizeram um toque de mãos animadas enquanto Eduardo revirava os olhos “eu duvido muito que ela vai sair, o Prior tá sendo um lixo ali dentro”, comentou em voz baixa, mas tendo certeza de que estava sendo ouvido.

“Eu não quero ver o Prior saindo, o jogo vai ficar muito chato sem ele, as pessoas querem tirar pra ficar sempre esse politicamente correto, isso é muito chato”, Michelle comentou de forma arrogante olhando para Eduardo e para a surpresa dele Solange começou a falar “eu também ficaria feliz se ele saísse, é um machista nojento”. “Vocês querem que todos os homens saiam? não pode ter nenhuma putaria, fica muito chato!”, Michelle se virou de frente pra TV irritada, focando seu olhar no programa que logo iria eliminar alguém.

"Dudu, continua votando, agora eu quero muito que ele saia!", Sol sussurrou para seu primo. "Até queria votar mais, mas as votações já foram encerradas, o site não funciona mais", ele respondeu. A tensão na sala de TV era palpável, todos estavam esperando a eliminação, estavam todos em silêncio e não era possível nem escutar os ruídos lá de fora.

Logo foi anunciado a eliminação, o casal mais velho se levantou e foi embora, os homens mais jovens comemoravam, assim como Michelle e Andressa, que olhavam para trás com um olhar de vitória. Solange, Eduardo e Emily se levantaram e foram até as escadas voltar para o pequeno e simples quarto da colônia. "Eu tô meio arrependida de ter torcido pra Bianca sair", Solange quebrou o silêncio enquanto os três caminhavam. "Eu disse que a torcida dele era assim, que acham que machismo é entretenimento", Eduardo disse um pouco decepcionado, realmente acreditou que Prior seria eliminado assim como os outros caras foram.

Naquela noite os três não ficaram debatendo sobre BBB no quarto que dividiam, ficaram assistindo o programa em seus celulares pelas *lives* que alguns usuários estavam fazendo em suas contas nas diversas redes sociais, vendo as consequências da eliminação.

### **O que ele(s) tinha(m) na cabeça?**

O Big Brother Brasil (BBB) é um *reality show* de confinamento no qual, durante um período de três a quatro meses, um grupo de pessoas fica em uma casa sem contato com o mundo exterior. Os participantes têm como objetivo permanecer na casa até o último dia, quando a audiência escolherá, por meio de voto no site da Rede Globo, quem será o vencedor e ganhador do prêmio final.

No decorrer do isolamento, semanalmente, os integrantes do programa fazem algumas provas importantes como a do líder, quem ganha obtém alguns privilégios como o poder de indicar uma pessoa a uma possível eliminação; há também a prova do anjo, e quem ganha pode imunizar algum participante, impedindo-o de ser votado pela casa ou indicado pela liderança. Além dessas, existem algumas outras provas para os integrantes ganharem estalecas, que é a moeda nesse contexto, ou prêmios que vão usufruir quando saírem da casa.

Todas as semanas também, os membros são obrigados a votar em um ou uma participante que desejam eliminar do programa; e quem receber mais votos estará no paredão junto com a pessoa que foi indicada pelo líder da semana; é eliminado o participante que recebe mais votos do público. O termo 'paredão' se refere à situação das pessoas que podem ser eliminadas e, interessante, é apenas utilizado na versão brasileira do Big Brother.

John De Mol, o holandês inventor do formato de entretenimento realista como Big Brother, em entrevista para a Istoé em 2014 disse ter se inspirado em um projeto estadunidense intitulado “Biosphere 2”, em que pessoas eram colocadas em um local e tinham que plantar sua própria comida para sobreviverem. Assim, em 1999 estreava a edição de origem do Big Brother na Holanda e rapidamente esse formato do programa ganhou várias adaptações para outros países (Isto É, 2014).

O reality também tem inspiração na literatura, na obra 1984 do escritor George Orwell (1949). Na distopia literária, o personagem do Grande Irmão é o líder supremo do regime totalitarista no superestado Oceânia, onde os cidadãos são ostensivamente vigiados por meio das “teletelas” que são como câmeras instaladas em todos os espaços tanto públicos quanto privados, impedindo que algo possa ser dito ou escondido do Grande Irmão. Assim, se explicita a metáfora no programa: os espectadores são como o Grande Irmão, assistindo a todos os participantes e nada que eles fazem passa despercebido.

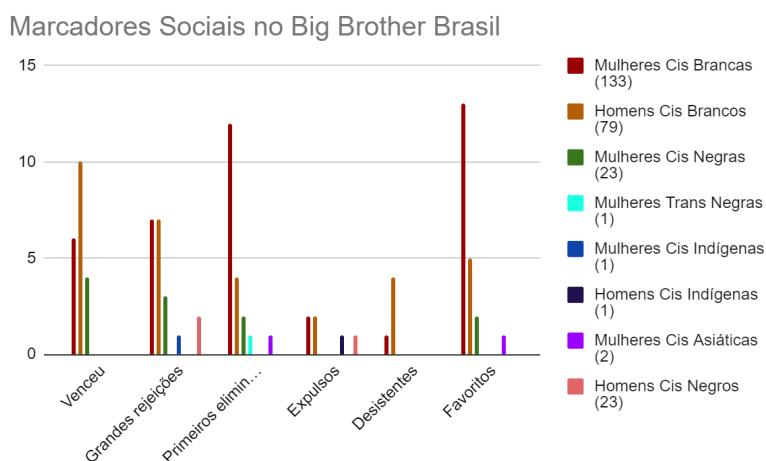
O Big Brother Brasil foi ao ar pela primeira vez em 2002, pela Rede Globo, dirigido por José Bonifácio Brasil de Oliveira, mais conhecido como Boninho; em entrevista para a Folha de São Paulo, no ano de estreia, o diretor afirmou que, para o programa alcançar toda a sua audiência, os produtores precisam considerar a diversidade do público, desde as crianças até os mais velhos, bem como pensar em todas as classes, mostrando assim, que é necessário dialogar e estabelecer uma conexão que abrange todos os telespectadores possíveis (Folha de S.Paulo, 2002).

De acordo com Boninho, a audiência grande do *reality show* não se deve apenas pela fantasia de ver o que é privativo, privado e íntimo, mas também pela curiosidade de saber como um grupo de pessoas vai se comportar no jogo e, assim como no futebol, essa competição gera diferentes torcidas; não há regras definidas para jogar o BBB, a questão principal é como sobreviver emocionalmente nessa experiência, e isso prende os espectadores.

Os reality shows são verdadeiros emblemas da fluidez contemporânea entre realidade e ficção, entre público e privado. Na tela do Big Brother Brasil (BBB), pessoas enclausuradas numa casa expõem ao limite sua intimidade e encenam a banalidade de um cotidiano fabricado, povoado de exposições narcísicas, roupas fashion, intrigas e mesquinhas que giram em torno da lógica de que o fim último perseguido — o prêmio em dinheiro e a celebridade instantânea — justifica os meios. Milhões de espectadores ficam hipnotizados, por verem ali a banalidade de seu próprio cotidiano (Brito, 2008, p. 43).

É possível ver que o programa exibido na Rede Globo em TV aberta é editado de forma exagerada em relação ao conteúdo fornecido no *pay-per-view*, isso porque há um esforço para criar uma narrativa coesa entre os episódios, justamente para prender a audiência e gerar um debate no público acerca do *reality*, como em uma novela. Para isso, a produção e os editores recorrem a divisão dos participantes entre grupos do bem e do mal, grupo da xepa e grupo do VIP, e trabalham as cenas dos episódios com ajuda da linguagem do gênero da dramaturgia brasileira e, por vezes, a de animações para retratar as cenas de intrigas, desenvolvimentos amorosos, construção de personagens e conspirações (Campanella, 2007).

Nesses termos, é marcante o modo como as questões étnico-racial e de gênero são tratadas pelo programa. Desde sua primeira edição até a vigésima (edição escolhida como campo analítico para este trabalho) passaram pelo programa 266 participantes, destes aproximadamente<sup>2</sup> 212 pessoas brancas, 47 negras, 5 asiáticas e 2 indígenas. Para entender melhor como são mostradas essas questões, fiz um gráfico que mostra o número de homens e mulheres cisgênero<sup>3</sup> e transgênero<sup>4</sup>, brancas, negras, indígenas e asiáticas que venceram, tiveram rejeição maior de 80% do público em sua eliminação, foram primeiras eliminadas, foram expulsas, desistiram e/ou tiveram favoritismo do público, nessa última categoria escolhi uma pessoa de cada temporada que se destaca em número de seguidores nas redes sociais e, por vezes, continua fazendo grandes trabalhos na mídia.



<sup>2</sup> Digo aproximadamente pois nem todas as pessoas são publicamente autodeclaradas, inclusive em determinadas mídias e reportagens algumas que estou considerando não são consideradas negras, indígenas ou asiáticas, mas sim com nomeações diversas que aparecem para se referir a pessoas não-brancas. Assim, este levantamento segue a identificação fenotípica conforme postagens, ver em: <https://twitter.com/listapreta/status/1083366673468608512> e <https://natelinha.uol.com.br/bbb/2020/04/28/thelma-vence-bbb20-e-se-torna-a-decima-mulher-a-ganhar-o-reality-show-144279.php>. Para ver mais discussões sobre colorismo, fenotipia e racialização, ver: Geledes, 2016; Hirata, 2014; Silva, 2017.

<sup>3</sup> Pessoas que se identificam com o sexo que lhes foi atribuído no nascimento

<sup>4</sup> Pessoas que não se identificam com o sexo que lhes foi atribuído no nascimento

O número de participantes pertencentes a qualquer grupo étnico-racial que não seja branco é muito pequeno para que se possa analisar e falar sobre representatividade, a soma de todas as pessoas não brancas é menos da metade do número de pessoas brancas, essa falta de representatividade é gritante especialmente se tratando de indígenas e asiáticos. Em relação aos participantes negros, apesar de ser um número muito reduzido, é possível fazer reflexões sobre a relação do público com estes participantes, afinal dos 47 participantes negros, apenas 11 tiveram um grande destaque no jogo de forma positiva ou negativa: 6 mulheres negras ganharam ou tiveram o favoritismo do público na edição, 3 mulheres negras tiveram rejeição maior de 80%, uma delas tendo a maior rejeição do Big Brother Brasil<sup>5</sup>, e 2 homens negros que tiveram também rejeição maior de 80%.

Analisando os dados relacionado aos primeiros eliminados, o gráfico mostra 3 mulheres negras, duas cisgênero e uma transgênero (única participante transsexual que participou do reality até o presente momento), 1 mulher cisgênero asiática e 12 mulheres cisgênero brancas, todas elas foram as primeiras eliminadas de suas temporadas: das 20 temporadas, 85% das vezes uma mulher foi a primeira eliminada; 25% das vezes foi uma mulher não-branca. Nenhuma dessas participantes teve assim a oportunidade de se destacar no BBB e criar uma relação com o público. Chamo a atenção para Ariadna Arantes, a primeira mulher transgênero do programa, porque a partir de sua eliminação podemos pensar que a primeira eliminação pode estar relacionado não só com a falta de destaque e criação de uma relação com o público mas também com os marcadores sociais que se articulam na vida dessa pessoa: Ariadna gerou muitos debates fora da casa em sua curta passagem dentro do programa, sofreu com ataques transfóbicos e racistas pelo público<sup>6</sup> e até hoje em muitas entrevistas comenta sobre a dificuldade de conseguir fechar contrato com marcas ou conseguir trabalhos na mídia, mesmo sendo uma influenciadora digital com 822 mil seguidores<sup>7</sup>; não foi eliminada com rejeição, mas dentro do programa falou sobre sua intimidade e sobre sua forma de jogar, mas o público não se relacionou com sua narrativa por preconceitos enraizados na nossa sociedade.

---

<sup>5</sup> Até a vigésima versão; pois, no BBB 21 este recorde foi batido: primeiro por Nego Di, homem cisgênero negro, comediante, depois por Karol Conká, mulher cisgênero negra, rapper, cantora, compositora e produtora e depois por Viih Tube, mulher cisgênero branca, influenciadora digital; todos foram convidados para participar do programa, fazendo parte do grupo camarote. Esta questão é abordada no capítulo “Qualquer coisa me bota na próxima edição”.

<sup>6</sup> Ler mais sobre ataques sofridos por Ariadna e seus relatos sobre a sua vida depois do programa em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/01/14/ariadna-brasil-nao-estava-pronto-para-uma-trans-no-bbb-e-ainda-nao-esta.htm> e <https://anamaria.uol.com.br/noticias/ultimas-noticias/ariadna-arantes-relembra-cache-baixo-e-preconceito-em-ensaio-para-a-playboy.phtml>

<sup>7</sup> Até Maio de 2021.

Também fica muito chamativa no gráfico a representação da mulher branca cisgênero no programa, elas são as participantes com maior chance de sair na primeira semana, mas elas também são as pessoas que mais tem chances de ganhar o favoritismo do público. No entanto, é importante lembrar que mais mulheres brancas cisgênero passaram pelo programa que todas as outras mulheres com outros marcadores sociais juntas, assim como mais que todos os homens juntos, então a probabilidade disso acontecer naturalmente seria maior que dos outros; isso nos leva a perceber que elas não são as que mais tem chance de ganhar, as vitórias do programa são divididas em 50% para homens cisgênero brancos, 30% para mulheres brancas cisgênero e 20% para mulheres negras cisgênero, homens brancos cisgênero, mesmo sendo menor número que mulheres brancas cisgênero, são os ganhadores mais vezes.

A vigésima edição do Big Brother Brasil teve um grande impacto no país, foi exponencial o aumento da repercussão do *reality* na mídia e nas redes sociais, quebrando vários recordes não só da versão brasileira, mas de toda a franquia Big Brother ao redor do mundo. Diversos foram considerados os motivos para isso, sendo uma temporada muito diferente das anteriores, com inovações planejadas e circunstâncias ocasionais que corroboraram para o sucesso. Considerando estas questões, o objetivo deste trabalho é analisar como os marcadores sociais de raça e gênero são produzidos a partir de discursos midiáticos publicados sobre o BBB 20. Para tal, esta pesquisa inicia trazendo a relação entre mídia, poder e marcadores, onde explico a ideia de discurso e os efeitos do discurso midiático na produção de subjetividades e a relação disso sobre os marcadores de raça e gênero. Após, volto para uma análise da arquitetura da casa, por entender que determinadas escolhas estruturais e a construção arquitetônica do *reality* podem dar visibilidade para certas disputas de poder alimentadas pelo sensacionalismo midiático. A seguir, vou buscando mapear certas continuidades e descontinuidades no formato da casa atentando para uma série de regramentos que vão mudando no decorrer das edições até a vigésima, buscando entender como o jogo criado ali diz dos modos de saber-poder em relação aos marcadores sociais da diferença. É assim que surgem duas parciais para pensarmos os efeitos do BBB 20 na articulação com/sobre os marcadores de raça e gênero: o confessionário e raio-x e o VT ou videotape.

Parciais é um termo que surgiu no *Twitter*: enquanto acontece um paredão, alguns perfis fazem *tweets*<sup>8</sup> mostrando as porcentagens, com base em enquetes do próprio *Twitter*,

---

<sup>8</sup> Como são nomeadas as postagens do *Twitter*.

sites de fofoca e supostas informações secretas do Gshow, para saber qual participante tem mais chance de sair da casa. Nesse trabalho estou usando o termo para falar de objetos, regras e dinâmicas do Big Brother Brasil, partes do programa que vou analisar e que pareceram relevantes para o entendimento do programa dentro da minha pesquisa nos *tweets*, reportagens e cenas que assisti. Além disso, diz de uma análise parcial, considerando que estou usando uma perspectiva teórica foucaultiana e focando minha análise nos marcadores sociais de raça e gênero, entendo que é impossível ser feita uma análise imparcial, caso fosse outra pessoa no meu lugar, poderia ter conclusões completamente diferentes sobre o mesmo ocorrido.

### **Mídia, Poder, Raça e Gênero**

Tenho bastante interesse pela linguagem e a forma que diz dos modos de subjetivação do sujeito. Nesse trabalho, quero pensar especificamente na linguagem midiática e como ela pode produzir efeitos sobre o sujeito na relação com a sociedade à qual este pertence. Para esse estudo utilizo como objeto a ser analisado a edição 20 do Big Brother Brasil, o *reality show* mais assistido e mais popular do país. É inegável a repercussão na sociedade brasileira dos acontecimentos televisionados neste *reality* nos últimos anos e, principalmente no ano de 2020<sup>9</sup>, essa repercussão ficou ainda mais visível pelos comentários nas redes sociais e outras mídias, tais como reportagens em diversos veículos de comunicação.

Para desenvolver um exercício analítico sobre publicações midiáticas e marcadores sociais da diferença, mais especificamente raça e gênero, entendo que os discursos publicitários funcionam operando na subjetivação do sujeito. Isso significa dizer que o sujeito não é fonte de sentido, ele é efeito; sendo assim, vejo a linguagem também como a criadora da realidade e de subjetividades (Foucault, 2009); e, a linguagem midiática, tais como postagens, comentários, reportagens e a própria edição do BBB, se constituem como práticas discursivas que produzem efeitos sobre os sujeitos, produzem subjetividade.

Para Elizandra Souza (2012), a linguagem surge pelo momento histórico e pelas relações de resistência e poder entre as classes, as gerações, os gêneros, os grupos étnicos e raciais, etc. Os sujeitos percebem a realidade pela rede de discursos a que estão inseridos e,

---

<sup>9</sup> Importante ressaltar que este trabalho foi pensado a partir da edição 20 do Big Brother Brasil, contudo, considerando a repercussão da edição de 2021 na mídia e redes sociais, no que diz respeito à linguagem midiática e os efeitos nos modos de subjetivação, um pós-escrito abordará, ainda que brevemente, o BBB21.

durante suas vidas, os efeitos desses discursos se revelam, moldam, adequam, produzem-nos sujeitos.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (Michel Foucault, 2009, p.49).

Pensar o sujeito como efeito de linguagem, a ela submetido, é também pensar na possibilidade de sua margem de liberdade, também relacionada com a linguagem. O estudo dos efeitos subjetivos da linguagem sobre a construção dos sujeitos nos fazem refletir sobre os processos de subjetivação da cultura e os processos de massificação do capitalismo, e em como a linguagem midiática, nesse contexto, pode se tornar uma ferramenta que diretamente constitui os modos como um sujeito se relaciona consigo, entende o mundo e a si mesmo.

Os veículos de comunicação são os maiores mantenedores das lógicas dominantes na sociedade capitalista brasileira e, por esta razão, entendo que há uma certa dificuldade de se perceber essas racionalidades nos discursos midiáticos. Se considerarmos o quanto há uma incorporação dos discursos hegemônicos nas mídias e o quanto isso produz efeitos no senso comum, é possível perceber as relações de poder operando sobre os corpos, tornando-os dóceis e úteis, a partir da linguagem midiática (José Orlando Carneiro Campello Rabelo, 2017).

Para além da origem do discurso midiático e de suas racionalidades, José Rabelo (2017) destaca a importância de se perceber a propagação e o alcance ilimitado desses discursos nos dias atuais, proporcionados por dispositivos midiáticos, como as redes sociais, cada vez mais acessíveis e influentes na sociedade brasileira, entendendo isso como mais um elemento de dominação.

Cabe, contudo, explicar que por poder entendo a rede de influência entre os sujeitos e seus diferentes efeitos uns nos outros, não algo centralizado. Como Foucault (1999) nos mostra, o poder é a pluralidade de correlações e forças que são inseparáveis do domínio onde atuam agindo assim sobre a sua organização; as relações formadas por essas forças formam cadeias, sistemas ou mesmo as isolam. A atuação do poder então não paralisa, mas passa pelos indivíduos, nos processos de subjetivação.

As redes de poder são construídas e reformadas de tempos em tempos conforme as produções das relações de poder vão surgindo e gerando novos significados, há também a



influência do uso hierárquico do poder, ou do uso do poder pelas instituições disciplinares, que têm a função de produzir corpos dóceis por meios da observação constante, para que assim se possa extrair o máximo daqueles corpos (Foucault, 1999). O poder, desta forma, encontra-se em uma forma positiva e produtiva, ou seja, que produz efeitos. Diferente da dominação, que é a forma negativa, de subjugação sobre o outro. Dessa maneira, podemos entender a dominação como fruto do poder hierárquico, nos processos de docilização e de adequação a normas.

As práticas discursivas são as relações entre o poder com diversos saberes que são controladas, selecionadas, organizadas e redistribuídas por alguns procedimentos que têm o objetivo de convocar poderes e perigos para o controle dos corpos, para o governo das condutas e modos de ser dos sujeitos (Foucault, 2009). Ao pensar sobre a materialidade desse trabalho – o discurso midiático sobre BBB no que diz respeito à raça e gênero – entendo que estamos questionando o modo como certas práticas discursivas são construídas e utilizadas para produzir determinados efeitos de controle sobre os sujeitos. Não é à toa que nos últimos anos, principalmente ao acompanhar as eleições presidenciais nos Estados Unidos (eleições de 2016 e 2020) e no Brasil (eleições de 2018), a discussão sobre formas de controle dos meios de comunicação e de propagação de notícias falsas em redes sociais, se tornaram uma das grandes discussões da década<sup>10</sup>, pois o discurso midiático não fica somente atrelado aos dispositivos eletrônicos, mas inclusive, podem produzir efeitos diretos nos modos de governo de nações inteiras.

O Big Brother Brasil é uma produção midiática, cujas práticas discursivas também provocam efeitos nas subjetividades, ultrapassando o sofá<sup>11</sup>. Nesse sentido, interessa para este trabalho aquilo que faz ressoar ou dá continuidade ao que é produzido neste *reality* nos comentários em mídias virtuais, nas mídias impressas, nas mídias alternativas, nas conversas de bar e em rodas de conversas por chamadas de vídeo (ao considerarmos os encontros em tempos pandêmicos). Para tal, no que diz respeito a metodologia, este trabalho reuniu 70 *tweets*, encontrados por meio da busca avançada, uma configuração de busca da plataforma, que permitiu que eu buscasse por postagens que foram feitas no período de exibição do programa (21 de janeiro de 2020 a 27 de abril de 2020) com palavras chaves, tais como “Big Brother Brasil” “BBB” e o nome de participantes, 20 reportagens, o site oficial da Rede

---

<sup>10</sup> Sobre isso é possível acompanhar as discussões e publicações envolvendo a Cambridge Analytica, que é uma empresa de análise de dados que trabalhou junto à equipe de Trump durante as eleições de 2016 e que utilizou dos algoritmos do Facebook para divulgar notícias falsas para os eleitores estadunidenses. Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43466255>

<sup>11</sup> Gíria que se refere ao público que assiste o BBB apenas pela TV aberta, quem vê apenas os episódios editados na Globo, é utilizada por pessoas que acompanham o programa pelo payper view e pelo twitter.

Globo que traz uma página com o memorial do Big Brother Brasil, além de recortes de cenas cotidianas onde se atentou para discursos sobre o BBB que tivessem como foco a questão de marcadores sociais da diferença, essas cenas foram escritas com base também nas discussões encontradas no Twitter. Considerando o escopo e tempo que um Trabalho de Conclusão de Curso pode abarcar, a escolha para uma análise se volta para os marcadores de raça e gênero, por entender que estes foram aqueles mais mencionados na mídia em relação à edição 20 do BBB. O uso dos comentários como material de análise surge, pois, fazemos uma alusão ao que Foucault traz sobre o comentário.

Em *A Ordem do Discurso*, Foucault (2009) diz que o comentário é um dos procedimentos internos do discurso e, conforme Jeferson Bertolini (2016, p.49), “diz respeito ao texto, àquilo que é dito, àquilo que se conserva e que está inserido em determinada cultura.” Nas conversas sobre o *reality show* existe um ciclo que se repete, que é o de comentar mais uma vez o que aconteceu no programa e repetir o que ainda não foi ouvido; por vezes se acrescenta algo à narrativa, mas uma certa forma discursiva continua sendo propagada: nasce assim novos arranjos de verdade a partir dos comentários. (Jeferson Bertolini, 2016)

Importante dizer que, por narrativa compreendemos a conversa, algo diário e repleto de sentidos que narramos sobre tudo: nós mesmos ou o *reality* que estamos assistindo, fazer narrativa nos é muito costumeiro e é assim que produzimos sentidos da identidade (Karina Moutinho e Luciane De Conti, 2016). A narrativa, assim, relaciona-se à subjetividade, mesmo uma narrativa fictícia parte das experiências e ideias de quem está narrando. O discurso e as práticas discursivas, no entanto, são considerados como um objeto teórico com uma função e um lugar histórico-social, produzido por práticas sociais de linguagem e manifestado em sua forma material. (Gláucia da Silva Henge e Rosângela Leffa Behenck, 2008).



“O movimento do sujeito na cultura caracteriza o processo de identificação e viabiliza a individualização. Enquanto que, as práticas discursivas não surgem do nada, pois são produzidas na relação com outras práticas como as sociais, econômicas, culturais e com as relações de poder. Um mesmo objeto pode ser ponto de formações discursivas diversas, como por exemplo, a linguagem. A linguagem e a formação discursiva participam como sistema de desenvolvimento social e cultural, por isso, não se estagnam. O movimento é primordial para a produção discursiva e a constituição subjetiva, pois são os sujeitos que permitem esta instabilidade, ou melhor, que buscam e produzem a instabilidade, apesar de

termos determinadas finalidades observadas no discurso.” (Elizandra Souza, 2012, p.9-10).

No discurso midiático, a imprensa prioriza algumas narrativas em detrimento de outras, construindo e potencializando saberes enquanto outras narrativas menos atrativas são retiradas da vitrine midiática e tem seus poderes interditados. A imprensa, então, faz parte de um jogo discursivo de poder e saber no qual pode mais quem sabe mais (Jeferson Bertolini, 2016), assim como quem domina os veículos por onde circula a informação, mesmo a informal (como através das redes sociais). Contudo, a partir dos acontecimentos do Big Brother Brasil, podemos pensar na relação da imprensa com as mídias alternativas, como narrativas inicialmente desinteressantes passam a aparecer pela sua grande repercussão pelas vias alternativas, produzindo novas práticas discursivas e efeitos de subjetivação.

É nesse aspecto que importa pensarmos na relação do discurso midiático com os marcadores sociais da diferença. Ao tratarmos de raça e gênero na história do BBB, como mencionado anteriormente, vemos o quanto perpetua-se o racismo estrutural (Silvio Almeida, 2019) que fundamenta a sociedade brasileira. Os recortes e edições feitos no *reality* geralmente buscam enaltecer pessoas brancas cisgênero e heterossexuais, enquanto pessoas fora desse padrão são retiradas de cena.

Durante os dois primeiros meses de exibição do Big Brother Brasil 20 na Rede Globo, era comum a falta de tempo de tela para Thelma. A futura ganhadora do programa não foi o foco da edição e o seu desenvolvimento no jogo não foi exibido até o dia 17 de Março, quando ela teve seu primeiro VT próprio, quase 3 meses depois do início do programa. As pessoas que acompanhavam o jogo pelo *pay per view*, *Twitter* ou outras fontes comentavam frequentemente o apagamento da participante na edição do programa desde as primeiras semanas, e é importante frisar que ela ganhou seu VT e mais destaques não porque na nona semana muitos participantes já tinham sido eliminados (e dessa forma não competiam mais pelas telas), mas pelos pedidos dos espectadores no *Twitter*.


  ...

Aliás, já tem umas três semanas que venho falando que Thelma merece mais espaço na edição. Ela é uma pessoa que se posiciona, fala quando deve falar, curte as festas até o final. Alô, @bbb, quando nossa Thelminha vai ganhar um bom VT?

11:49 PM · 9 de mar de 2020 · Twitter for Android

16 Retweets 78 Curtidas





  ...

Thelma é a participante que mais me cativa nesse BBB. Inteligente, equilibrada, leal... A produção tá devendo um vt dela na edição de terça. #RedeBBB

5:55 PM · 4 de mar de 2020 · Twitter for Android

33 Retweets 2 Tweets com comentário 171 Curtidas





  ...

é impressionante a quantidade de semanas que já começou o big brother e eles não fizeram UM VT SEQUER da thelma no programa. é nítido o boicotamento com ela. a produção gosta mesmo é de exaltar gente escrota.

11:04 PM · 3 de mar de 2020 · Twitter for Android

153 Retweets 7 Tweets com comentário 623 Curtidas



  ...

gizelly e thelma sempre com diálogos importantes e sacando o jogo são boicotadas pela edição

os chernoboys cortando o cabelo em frente ao big fone ganham vt #BBB20

4:35 PM · 10 de fev de 2020 · Twitter for Android

9 Retweets 61 Curtidas



De acordo com Avtar Brah (2006) o racismo é um discurso construído sobre uma diferença que resulta em desigualdades, postulando fronteiras fixas e imutáveis entre grupos tidos como intrinsecamente diferentes; ela trabalha o conceito de diferença se referindo às múltiplas maneiras que discursos específicos da diferença são construídos, reproduzidos e ressignificados. Entendendo o racismo como um discurso, podemos perceber que, assim como toda prática discursiva, ele tem uma função histórico-social e o poder dessa opressão age nas práticas econômicas, políticas e culturais (Silvia Elaine Santos de Castro, 2013) para enaltecer pessoas brancas e manter seus privilégios na sociedade brasileira. Outras autoras, como Carla Akotirene (2019) no Brasil e Kimberlé Crenshaw (2004) nos Estados Unidos

também discutem sobre as múltiplas relações e articulações entre raça e gênero, porém nesse trabalho, para uma melhor análise sobre os discursos, a mídia e as relações de poder optei por outras autoras.

“As subjetividades de dominantes e dominados são produzidas nos interstícios desses múltiplos lugares de poder que se intersectam. A precisa interação desse poder em instituições e relações interpessoais específicas é difícil de prever. Mas se a prática é produtiva de poder, então a prática é também um meio de enfrentar as práticas opressivas do poder.” (Avtar Brah, 2006, p., 373)

Thelma foi central nessa edição do Big Brother Brasil por promover debates sobre a articulação dos marcadores sociais de raça e gênero na mídia; por meio de sua trajetória no programa, ela e outros participantes foram importantes para trazer debates aqui, fora da casa, sobre as diversas encruzilhadas que existem com relação a ser humano. No entanto, para compreender como os marcadores sociais de raça e gênero são produzidos a partir de discursos midiáticos publicados sobre o BBB20, cabe olhar, antes de qualquer coisa, para as regras desse jogo.

### **As regras do jogo**

Em Janeiro de 2002, o Big Brother Brasil estreou e a disputa era por 500 mil reais, a primeira temporada tinha como apresentadores Marisa Orth e Pedro Bial, mas no decorrer do programa, Marisa passou para um outro quadro de entrevistas dos participantes eliminados, que se tornou ritual no programa (Notícias da TV, 2019). Bial ficou sozinho como apresentador e continuou no cargo até 2016. A segunda temporada também aconteceu em 2002, no período de Maio a Julho.

A casa na primeira edição tinha uma atmosfera de casa de praia, com 450 metros quadrados de área construída num terreno de 1200 metros quadrados, contava com 36 câmeras e 60 microfones instalados no total. A área externa era ocupada por um jardim, uma churrasqueira, uma piscina, uma banheira de hidromassagem e um gazebo. A parte interna tinha três quartos - dois para cinco pessoas e um de casal, reservado para o líder - um banheiro, cozinha, sala de jantar, sala de estar, varanda, uma despensa (única área que ficava trancada e era reabastecida semanalmente pela produção) e o confessionário - onde ocorrem as votações e, desde 2006, onde cada jogador deve falar tudo o que está sentindo e pensando diariamente. Inclusive, no ano de 2007, o confessionário apresentou um detector de mentiras para verificar a veracidade das falas dos participantes, mas esse dispositivo não voltou a

aparecer nas edições mais recentes. Em todas as temporadas seguintes a casa foi redecorada com móveis e papéis de parede novos, se modernizando, tanto na área interna como na externa, que passou por um tratamento paisagístico e recebeu equipamentos de ginástica para os participantes poderem se exercitar<sup>12</sup>.

As votações na primeira temporada não eram ao vivo, mas sim gravadas no confessionário, no domingo de manhã; os participantes deveriam guardar segredo de seus votos durante o dia, até à noite quando seria anunciado no programa ao vivo quem estaria no paredão, o que gerava um maior estresse e conflitos entre os participantes; inclusive, o nome paredão foi criado por Adriano de Castro, um dos participantes da primeira temporada, e devido à insistência na narrativa dos participantes e repercussão na mídia, os produtores do programa e a Rede Globo oficializaram o termo (Notícias da TV, 2019).

No ano de 2003, a suíte do líder passou a ficar isolada no jardim com sua própria banheira de hidromassagem. A casa continuou com três quartos, agora dois com quatro camas de solteiro e um com uma cama de casal e três de solteiro, uns mais confortáveis e outros mais simples, toda semana por meio de sorteio os participantes trocavam de aposentos; a idéia era evitar a criação de grupos e deixar a competição mais interessante para o público. Os sorteios pelos quartos continuaram em algumas das edições seguintes.

A prova do anjo foi uma nova regra na dinâmica do jogo acrescentada no BBB3, o vencedor da prova escolhia um companheiro para “abençoar” com o colar do anjo, que seria imunizado no paredão seguinte. Também no BBB3, o público pôde pela primeira vez votar para decidir dois participantes, um homem e uma mulher, que completariam o elenco, a votação foi realizada por telefone; essa mecânica foi replicada em boa parte das edições seguintes dando origem a casa de vidro em 2009 – um cômodo todo de vidro, instalado em um shopping, onde quatro pessoas ficariam confinadas até que duas delas, um homem e uma mulher, fossem escolhidas pelo público para participar oficialmente do BBB.

No ano seguinte, na quarta edição do programa, o número de dormitórios se manteve três novamente e, anualmente, a decoração de dois deles mudou ganhando temáticas diversas e excêntricas, enquanto o quarto do líder se tornou personalizado semanalmente para comportar quadros, roupas e fotos específicas do líder da semana. Foi também adicionada uma nova maneira de interação entre o público e os participantes, o Big Boss, onde todas as quinta-feiras o público poderia decidir algumas coisas que mudariam a rotina dos jogadores,

---

<sup>12</sup> Informações a partir de: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/reality-shows/big-brother-brasil/>

como quem ficaria responsável pelas tarefas domésticas ou quem receberia alguns privilégios como desfilar numa escola de carnaval e sair para jantares fora da casa<sup>13</sup>.

As estalecas foram criadas na quinta edição do programa, a moeda do BBB que servia principalmente para comprar comida, mas também podia ser usada para comprar itens de utilidade para casa, de luxo e objetos de desejo; foi então implementada a prova da comida, que valia estalecas e semanalmente um supermercado era montado no jardim para que os participantes pudessem fazer as compras.

Em 2006 o valor do prêmio principal aumentou para 1 milhão de reais e, no ano seguinte, a casa foi reformada novamente: a área externa cresceu e, ao todo, o espaço que os participantes tinham era de 1800 metros quadrados, foi instalado um teto retrátil de 20x20m para proteger o gramado e permitir provas e festas acontecerem mesmo em dias chuvosos; também foi adicionada uma sauna ao lado da piscina, que permitia os participantes terem conversas mais privadas longe dos outros.

No BBB7 aconteceu o primeiro paredão que tinha mais de duas pessoas, no caso foram quatro participantes, dois foram eliminados, mas o público teria a oportunidade de salvar um dos dois que voltaria para a competição.

A oitava temporada do Big Brother Brasil, trouxe novidades nas regras do jogo como o Big Fone – um telefone que só recebe chamadas e poderia tocar qualquer horário do dia, quem o atendesse poderia receber presentes ou ordens que não poderiam ser contestadas; também foi atribuída uma nova tarefa ao ganhador da prova do anjo, o monstro, que consistia em escolher participantes para cumprir tarefas incômodas.

O BBB9, além da casa de vidro, dividiu o terreno da casa, criando o lado A e o lado B, o primeiro era o lado com a casa original do BBB, com mais conforto, a piscina e a hidromassagem; o segundo, apelidado pelos participantes de ‘Xepa’, era o lado com o quarto do líder das edições anteriores que foi adaptado para acomodar todos os participantes desse lado, era mais simples e a sala e a cozinha ficavam na varanda. Os 14 participantes foram divididos logo no começo da temporada por um sorteio ao vivo, essa divisão dificultava a comunicação entre os participantes e incentiva a rivalidade entre os grupos; Norberto, um dos integrantes do lado B, ganhou a primeira prova do líder e assim o lado B foi para a casa principal e o lado A para a Xepa. A partir do BBB9, se tornou comum a divisão dos participantes em grupos diferentes, deixando alguns com mais conforto que outros.

---

<sup>13</sup> Informação de: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/reality-shows/big-brother-brasil/bbb-3/>

Também nesta edição, aconteceu uma das mais polêmicas ligações do Big Fone: quem atendesse a ligação deveria indicar dois outros participantes para o quarto branco, um pequeno cômodo todo branco e sem janelas, que mantinha as luzes acesas o dia todo. Os outros participantes poderiam monitorar o confinamento pela televisão da sala. O quarto branco aconteceu duas vezes no BBB9, uma vez na edição seguinte e mais recentemente no BBB20.

Em 2017, Tiago Leifert substituiu Pedro Bial na apresentação do programa e, desde que assumiu o cargo, colocou a relação dos participantes com o apresentador sob uma nova perspectiva, pois agora ele comenta o andamento do jogo com os integrantes, além de opinar sobre o confinamento enquanto conversava com o telespectador. A relação do público e dos participantes, com o intervento das redes sociais foi se intensificando. Conforme o instagram, o twitter e o facebook se tornaram cada vez mais utilizados pelo público, acabaram por consequência se tornando mais uma forma de interação com o programa; os participantes possuem seus perfis oficiais que são monitorados por familiares, amigos ou equipe profissional que estão fora da casa, conhecidos como ADMs — os administradores. Dessa forma, pelos posts e posicionamentos dos administradores nessas contas, o público tem mais facilidade para saber tudo o que acontece dentro da casa: a vigilância se torna mais aprimorada com as redes sociais e tecnologias portáteis. Os fã-clubes também começaram a influenciar diretamente na competição, já que começaram a se organizar e fazer mutirão de votos a cada paredão.

No BBB20, essa conexão foi abraçada pela produção do programa que criou o *Feed* BBB, uma plataforma digital própria para que os participantes, de dentro da casa, possam usar um celular limitado para produzir apenas fotos e vídeos e dividir um pouco da experiência do *reality*. Ao fazer *login* na sua conta, os participantes utilizam uma ficha do dia, contendo 4 minutos permitidos no celular para postar no máximo 2 fotos e 2 vídeos. Os participantes receberam inicialmente 2 fichas por dia, mas esse número pode ter sofrido variações durante a temporada. As fotos e vídeos que os participantes postam aparece como *stories* em tempo real na tela da sala e também são compartilhadas para o público fora da casa pela Central de Monitoramento, uma aba do site oficial do Big Brother Brasil.

Nas temporadas mais recentes, os participantes entram na casa já sabendo a importância da opinião do público, já entram na competição com estratégias pensadas para conquistar não só os demais participantes, mas também os telespectadores. O Brasil está assistindo e eles sabem disso, e por muitas vezes, falam com as câmeras na tentativa de chamar atenção; os participantes do BBB20 criaram a gíria “vtzeiro/vtzeira” para se referir



aos outros participantes que frequentemente falam com as câmeras na tentativa de fazer um VT (sigla para video tape, que se refere a gravações de vídeo na televisão) (Estrelando, 2021).

O convite para pessoas famosas se submeterem ao confinamento com pessoas anônimas foi algo inédito no Brasil, essa informação e seus desdobramentos no jogo se tornaram pauta das discussões nas redes sociais desde o momento em que foi divulgada até o final da temporada, gerando questionamentos sobre o favoritismo que essas personalidades poderiam receber ou mesmo se seria correto alguma delas ganhar o programa, já que supostamente não precisariam do dinheiro do prêmio.

Para além da novidade no formato do programa, durante as primeiras semanas, pela influência dos ocorridos no BBB 20, vários debates sobre feminismo aconteceram na internet; “sororidade” foi a quarta palavra mais pesquisada no Brasil depois da fala de uma das participantes. No decorrer do reality, o público começou a discutir mais sobre racismo e refletir sobre a articulação entre os diferentes marcadores nas lutas sociais. A edição de 2020 do programa se tornou um espaço de debate político para os espectadores, tanto cidadãos anônimos quanto pessoas públicas — figuras influentes na cultura brasileira como atores, músicos e jogadores de futebol — se posicionavam em suas redes sociais.

### **Conversa de março e as injustiças raciais**

Era um fim de tarde quente, a primeira quinta-feira de Março e Tatiana, uma mulher negra com olhos amendoados, estava usando o longo e liso cabelo solto, tinha acabado de sair de casa e estava a caminho da biblioteca pública encontrar sua amiga que trabalhava lá, tinha combinado no dia anterior que tomaria café com ela depois que seu turno na biblioteca acabasse. Enquanto caminhava os quarteirões longos e iluminados com a luz dourada da tarde, Tatiana reconsiderava a ideia de ir a pé para o trabalho da amiga, “Talvez eu devesse pegar um ônibus” pensava, mas quando tomou consciência da sua volta, percebeu que já estava no cruzamento das duas avenidas onde Antonela trabalhava, só precisava atravessar a rua.

Chegou no edifício na hora combinada, ela entrou no hall de entrada da biblioteca e acenou para sua amiga que logo estaria saindo pela porta de vidro; Antonela era branca com cabelos curtos e castanhos, ela estava com o olhar cansado e as bochechas avermelhadas pelo calor. Tatiana se sentou em um dos bancos do hall e pegou uma garrafinha de água de sua

bolsa, também estava sofrendo com o calor depois da caminhada, enquanto isso a sua amiga fechava a biblioteca com outras colegas de trabalho.

“Tatiana, que saudade! Como você está?” Exclamou Antonela, abraçando a amiga assim que teve a chance de conversar com ela, “Quanto tempo! Estou bem, e você? Ainda não consertaram os ventiladores da biblioteca?” Tatiana falava animada. “Pois é, ainda não, eu tô bem também, mas é um inferno passar o dia inteiro em pé aqui nesse calor...” depois de uma risada breve, Antonela continuou “Então, tem uma cafeteria no posto ali da frente, logo atravessando a rua, é muito boa e o café é barato.” Ela disse apontando para o posto que ficava na esquina diagonal de onde Tatiana tinha vindo, que com um sorriso respondeu “Já podemos ir pra lá? Tô morrendo de fome.” “Claro!” Antonela disse animada e as duas logo fizeram a pequena caminhada até a cafeteria no posto.

Assim que chegaram na cafeteria, escolheram um dos poucos lugares vazios e fizeram os mesmos pedidos, café preto e pão de queijo. “E aí menina, tá vendo o Big Brother?” Tatiana perguntou depois que levaram os pedidos pra mesa, “Sim! Tá uma loucura, né?” Antonela respondeu logo levando a xícara de café à boca. “Demais, as mulheres estão muito fortes nessa edição” comentou Tatiana, também acompanhando sua amiga e bebendo um pouco do café, “Sim...” Antonela disse em um tom distraído e completou “O Guilherme foi eliminado terça, né? Ainda bem.” “Sim, ele estava sendo péssimo pra Gabi, muito angustiante ver quão tóxico era o relacionamento deles.” Tatiana comentou “E você viu os boatos de que vão fazer o quarto branco?” ela acrescentou com um ar de surpresa e entusiasmo, falando da nova descoberta. “Eu até vi alguma coisa sobre isso, mas não sei muito bem o que é.” Antonela respondeu confusa, Tatiana se surpreendeu com a resposta da outra, inspirou suavemente e começou a lhe explicar o que sabia “Parece que já aconteceu antes, em 2009 pela primeira vez, teve até uma investigação do Ministério Público pra saber se foi uma tortura ou não, por que é um castigo baseado num método de tortura de verdade.” “Nossa, bem pesado...” Tatiana como se não tivesse escutado o comentário da amiga continua a explicação “Eu não sei se eles repetiram depois disso, mas acho que devem mudar um pouco a dinâmica agora esse ano, né? Já que... Bom, teve toda a investigação e tal...”

As duas ficaram alguns segundos presas em seus pensamentos, comendo os salgados que estavam na mesa mas logo Antonela quebrou o silêncio perguntando “Quem você acha que vai pro quarto branco?” “Parece que vai ser um castigo do monstro, quem ganhar o anjo vai indicar as pessoas, então acho que é bem provável que um dos indicados seja o Prior, né? Já que quase toda a casa indicaria ele...” Tatiana ficou pensando sobre, tentando prever o que poderia acontecer. Antonela interrompeu os devaneios de sua amiga rapidamente “É, faz

sentido, mas mesmo não gostando dele, acho que não deveriam repetir isso.” Tatiana concordou acenando a cabeça.

“Ele fez parte daquele complô dos meninos, destratou um monte todas as meninas do programa, mas realmente, acho que se for pra ser tão pesado como dizem que foi, é melhor não fazer.” Tatiana disse baixo, concordando com a amiga e logo as duas tomaram um pouco do café antes de continuar a conversa.

Antonela prosseguiu “E toda essa cultura do cancelamento aqui fora, né? Eu nem sei mais se essa perseguição com o Prior e o Babu faz sentido.” “Com o Babu é uma coisa que eu não entendo de verdade, né amiga? Porque ele no começo foi bem sensato, só anda com o Prior porque é o único que conversa com ele agora, mas super criticava as falas machistas dos caras e agregava bastante nas conversas com as meninas, acho até que era mais próximo delas no começo.” Tatiana disse tentando se lembrar do começo do programa e completou “As meninas brancas, porque a Thelma tá sempre com o Babu, ainda é aliada dele, as outras não entendem isso... É muita ignorância mesmo. Elas são bem desconstruídas e tal, mas não conseguem fazer nenhuma reflexão sobre raça.” “Sim, super me decepcionei com a Marcela” Antonela comentou rapidamente “No começo eu achei ela icônica, por ela ser feminista, teve várias falas ótimas, mas depois de um tempo ela se mostrou bem feminista branca, inclusive falando várias coisas racistas, eu não aguento mais ouvir a voz dela.”

As duas voltaram a atenção para a comida, e logo acabaram com o resto do café das xícaras, “Nesse BBB a gente percebe que o feminismo tá muito descolado da discussão racial, tá muito longe e precisa se aproximar mais” Tatiana comentou depois de baixar a caneca, “É igual a fala da Manu, tá todo mundo chamando ela de racista no *twitter* agora, mas na real todo mundo que tava na cozinha concordou com ela, a Marcela e o Daniel até acharam que foi um elogio ser um casal que as cores combinam, não perceberam o racismo no comentário dela.” “Sim, Tati, eu acho que quando ela sair, se alguém falar pra ela que foi um comentário infeliz ela vai aprender com isso...” “O Babu também, ele teve falas machistas mas ele é super desconstruído também, as pessoas estão aprendendo, né?”. “Esses dias eu tava vendo um vídeo no youtube<sup>14</sup> justamente sobre isso, que os *fandom* no twitter estão com os ânimos lá em cima, cancelando todo mundo, e nesse contexto de BBB todo mundo vai acabar cancelado, porque são três meses, vai ficar todo mundo alterado psicologicamente...” Antonela falava, deixando algum riso escapar percebendo que a amiga

---

<sup>14</sup> Vídeo “BBB20: RACISMO, MANU GAVASSI E BABU SANTANA • Karol Pinheiro e Nátaly Neri” <https://www.youtube.com/watch?v=juYCVv0YWT0&t=1830s>

também estava rindo “o que foi?” “É só engraçado porque é verdade! A única sensata é a Thelma, mas ninguém nem fala dela.”

“Amiga, agora que você falou, percebi que a Thelma mesmo sendo aquele mulherão não foi em nenhum momento cogitada como possibilidade afetiva dos homens, né?” “Sim! Nem naquele plano deles de ficar com as mulheres que tinham relacionamento ela entrou, amiga” Tatiana respondeu rapidamente, como se estivesse pensando a mesma coisa que a outra “Acho que nenhuma mulher negra no BBB nunca fez casal.” “Sério? Isso é o problema, aí que tá o problema real” Antonela comentou séria, “E o que passa na TV é muito manipulado, nem mostram como essa mulher é maravilhosa!” Tatiana disse rindo, fazendo Antonela rir também.

Uma das garçonetes, uma mulher negra, foi pegar os pratos e as xícaras da mesa que as duas estavam e então perceberam que muito tempo já tinha se passado, a tarde ensolarada já tinha acabado e as luzes dos postes no lado de fora já estavam ligadas; elas foram pagar pelos pedidos que fizeram e, entre conversas leves e mais casuais, foram caminhando para o ponto do ônibus, agradeceram mentalmente que o ônibus não demorou e que elas não teriam que pegá-lo sozinhas.

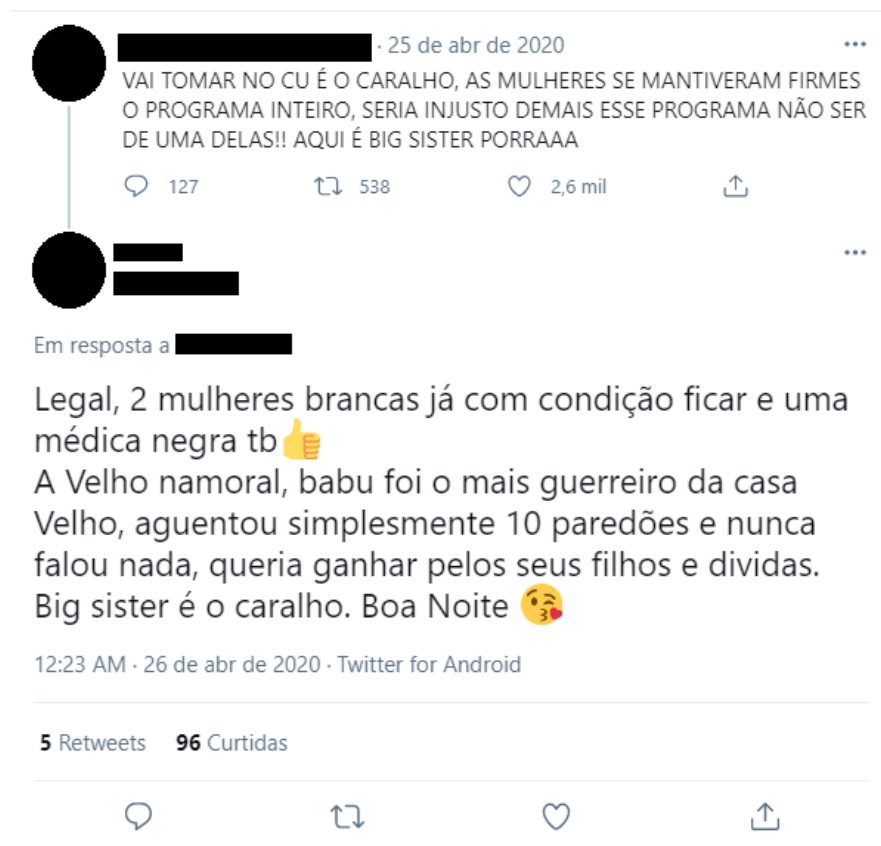
### **Comunidade *hippie* e a branquitude**

Depois de compreender como funcionam as regras do jogo, podemos pensar em como acontecem as relações entre as pessoas dentro desse jogo e assim refletir sobre como aparecem as articulações de gênero e raça dentro do BBB através da trajetória de alguns participantes e dos comentários no *Twitter*.

O jogo começou com uma divisão: um muro na casa separando o grupo camarote (pessoas famosas e convidadas para participar do programa) do grupo pipoca (pessoas anônimas que se inscreveram para participar); esse muro caiu aproximadamente depois de uma semana que o programa começou, foi colocado intencionalmente e percebo que a intenção da produção foi criar suspense nos jogadores, principalmente nos participantes anônimos, que poderiam ter medo da competição ser mais difícil por estarem participando com pessoas já conhecidas e com um certo número de fãs aqui fora. Porém, diferente do embate que foi arquitetado, outros grupos e outras tensões apareceram.

O Big Brother Brasil sempre foi um programa atravessado pelo machismo, racismo e outras opressões, afinal toda a sociedade brasileira é atravessada por esses discursos e consequentemente as produções dessa sociedade também seriam; mas, no BBB 20, o

machismo e a opressão contra mulheres surgiram como estratégia de jogo dos homens que participaram, de forma consciente. Esse acontecimento dividiu a casa em dois grupos, um predominantemente feminino, que ficou conhecido como “comunidade *hippie*” e o outro predominantemente masculino; durante algum tempo dessa temporada a história do programa era sobre as relações de gênero e, majoritariamente nas redes sociais, o debate aqui fora era sobre isso. Contudo, no decorrer do jogo, questões raciais foram aparecendo, principalmente em relação à negritude, mas também sobre a representação asiática e a relação do público com a imagem que teriam na mídia.



As mulheres do jogo receberam algumas informações de fora, graças aos participantes que entraram pela casa de vidro, sobre o plano do grupo rival, predominantemente masculino, de desmoralizar a imagem delas perante o público e se organizaram para se manter no jogo. Em determinado momento, Tiago Leifert comentou no ao vivo da grande final que as jogadoras mulheres dessa temporada foram as protagonistas, para além dos ataques machistas e assédios; que elas haviam sido vitoriosas no maior número de provas, inclusive em provas de habilidade e resistência. Enquanto os jogadores homens dessa edição tiveram sucesso apenas nas provas de sorte, as mulheres venceram 71% das

provas dessa temporada (Hypeness, 2020). Tais informações importam para pensarmos em desconstruir os mitos heteronormativos e racistas que foram expostos nessa versão.

Para pensarmos as relações do público e do jogo nas articulações de gênero e raça vou primeiro falar sobre a trajetória de Thelma, uma mulher negra, depois sobre a trajetória de Pyong, um homem asiático, e também vou fazer uma pequena discussão sobre a branquitude, branqueamento e a fragilidade branca, pois além da maior parte dos participantes serem brancos, esses conceitos atravessam o público e a leitura que fazem ou deixam de fazer sobre o jogo.

A ganhadora do jogo, conforme narrou o apresentador do BBB20, quando ela teve seu primeiro VT, foi a de ser uma participante com um lugar único no jogo, pois estava dentro da comunidade *hippie*, mas também conversava e defendia o Babu, um homem negro que foi muitas vezes atacado pelos integrantes desta comunidade; os dois estavam em grupos diferentes mas se recusavam a votar um no outro, o que os seus parceiros de jogo não entendiam e questionavam diversas vezes.

Thelma acabou sendo excluída da comunidade, por ter defendido o Babu e por ter apontado o racismo nas falas de seus parceiros, assim foi acolhida por Manu e Rafa, duas mulheres cisgênero brancas; aqui fora, a relação entre as três mulheres e Babu era comentada diversas vezes, sempre em relação as diferenças raciais ou de gênero, amenizando ou acusando as falas machistas do Babu ou as falas racistas das mulheres, incluindo Thelma — que foi acusada de trair o movimento negro quando votou em Babu em uma das últimas formações de paredão da temporada, quando a mesma refere que fez isso pois só restavam os quatro e tinha mais afinidade e compatibilidade de jogo com as outras parceiras. A futura vencedora além das críticas por não defender suficientemente o seu amigo negro, também era criticada por andar com mulheres brancas.

Enquanto Thelma foi a mais criticada por votar no Babu, as mulheres brancas não receberam as mesmas críticas, mesmo elas também tendo uma boa relação com ele dentro da casa. O público entendia que elas tinham mais proximidade uma com a outra, fazendo mais sentido votar no único homem restante; porém, a imagem de Thelma era atrelada à ele como se estivesse em dívida. Quanto a isso, Avtar Brah (2006, p.375) atenta que

“etnias sempre têm gênero e não há garantia de que sua recuperação não essencialista se oporá simultaneamente a práticas patriarcais a menos que essa tarefa seja tornada um objetivo consciente. De fato, não pode ser suposto que o processo de recuperação não virá a inscrever diferenças essencialistas. Isso pode ser especialmente problemático para as mulheres se os valores culturais

que os grupos em questão escavam, reformulam e reconstróem forem aqueles que sublinham a subordinação das mulheres.”

Entendo que isto articula-se com a questão da branquitude que, conforme Maria Aparecida Silva Bento (2002), se torna uma guardiã silenciosa dos privilégios brancos; e, no Brasil, age para que se amenize erros de pessoas brancas e reforçar erros de pessoas não-brancas, além de desracializar pessoas brancas e tirar as responsabilidades desse povo com as questões raciais. A branquitude também diz respeito ao fato de que pessoas negras, indígenas ou asiáticas, ao buscar integração e ascensão social, estão inseridas em um processo de branqueamento submetido pela elite branca, mas a própria elite branca brasileira também está inserida nesse processo em busca de um ideal europeu (Maria Aparecida Silva Bento, 2002). Thelma é uma mulher negra que, antes de entrar no programa, já tinha se formado em medicina e já atuava na profissão; ascendeu socialmente: foi de uma realidade periférica para uma mais confortável financeiramente graças ao acesso à educação. Contudo, ainda assim, na reta final do jogo entre as três finalistas, os espectadores argumentaram que ela precisava do dinheiro e por isso deveria ganhar, em vez de pensar que Thelma deveria ser vitoriosa como recompensa por sua trajetória e estratégia no jogo, fez-se uma leitura de caridade, o que não cabia, mas, de acordo com Maria Aparecida Silva Bento (2002), na sociedade brasileira, permeada pela visão da branquitude, pessoas negras não são bem-vindas em um sistema de classes e mesmo que aconteça uma ascensão social, vão ser lidas como “embranquecidas” e desviantes de uma “identidade negra”, sendo rechaçadas e excluídas, ou aceitas a partir de uma racionalidade filantrópica.

De acordo com Robin DiAngelo (2018, p. 49) “ao mesmo tempo em que é onipresente, a superioridade branca também permanece anônima e explicitamente negada pela maioria dos brancos.”, o que reforça a problemática que Maria Aparecida Silva Bento (2002) comenta de que o embranquecimento e ascensão social são temas reservados apenas para as pessoas não-brancas. Esse é um dos discursos dominantes que acaba por cruzar o público do BBB colocando Thelma como responsável pela discussão sobre o racismo na casa.

Ainda sobre imagens e trajetórias, é também importante falar de Pyong e a representatividade asiática na mídia, pois, apesar dele muitas vezes ele ter se mostrado afetivo e ter demonstrado situações de vulnerabilidade no jogo, o público o lia como um homem extremamente inteligente, estratégico, manipulador, com uma maneira de jogar fria e calculista, o que pode estar relacionado com o mito da minoria modelo (Cohen, 1992; Delener & Neelankavil, 1990 apud Camargo Santos, C., & Acevedo, C. R., 2013), termo que

diz sobre o estereótipo de que a comunidade asiática é extremamente inteligente, rigorosa, habilidosa intelectualmente, submissa e impassível.

De acordo com Gabriela Shimabuko em entrevista para Carta Capital em 2017, esse mito, além de promover a dehumanização do povo asiático e afetar sua auto estima, reforça o racismo anti-negros, pois traz uma comparação desonesta entre as minorias, colocando os asiáticos como uma minoria esforçada que não precisa de cotas e assistência do estado para ascender socialmente, diferente dos negros ou indígenas. Gabriela Shimabuko também fala sobre como o mito da minoria modelo se torna essencial para a manutenção dos privilégios das pessoas brancas, colocando uma minoria contra a outra, e que “a solidariedade antirracista é o maior medo da supremacia branca” (Carta Capital, 2017, s/p).

A solidariedade antirracista que Gabriela menciona em entrevista conversa diretamente com a fragilidade branca, trabalhada por Robin DiAngelo (2018). De acordo com a autora, a fragilidade branca é sobre o desinteresse e desconforto de pessoas brancas em abordar temas sobre raça de forma profunda, elas preferem que pessoas não-brancas façam essa discussão e expliquem sobre a sua experiência. No Big Brother Brasil, podemos ver a fragilidade branca atuando tanto no público quanto na exibição do programa: quem comenta, quando deixam de comentar, quem tem tempo de tela, o que se mostra de determinado participante, essas são algumas situações que aparecem na dinâmica do jogo que mantêm o discurso racista no lugar. Nessa atuação pode aparecer a ira, a defensibilidade, o silêncio e a retirada branca, relacionadas a questões de raça e essas práticas ligadas a estrutura da Fragilidade Branca podem nos ajudar a perceber melhor a problemática da branquitude e assim pensarmos intervenções mais assertivas para confrontá-la (Robin DiAngelo, 2018).

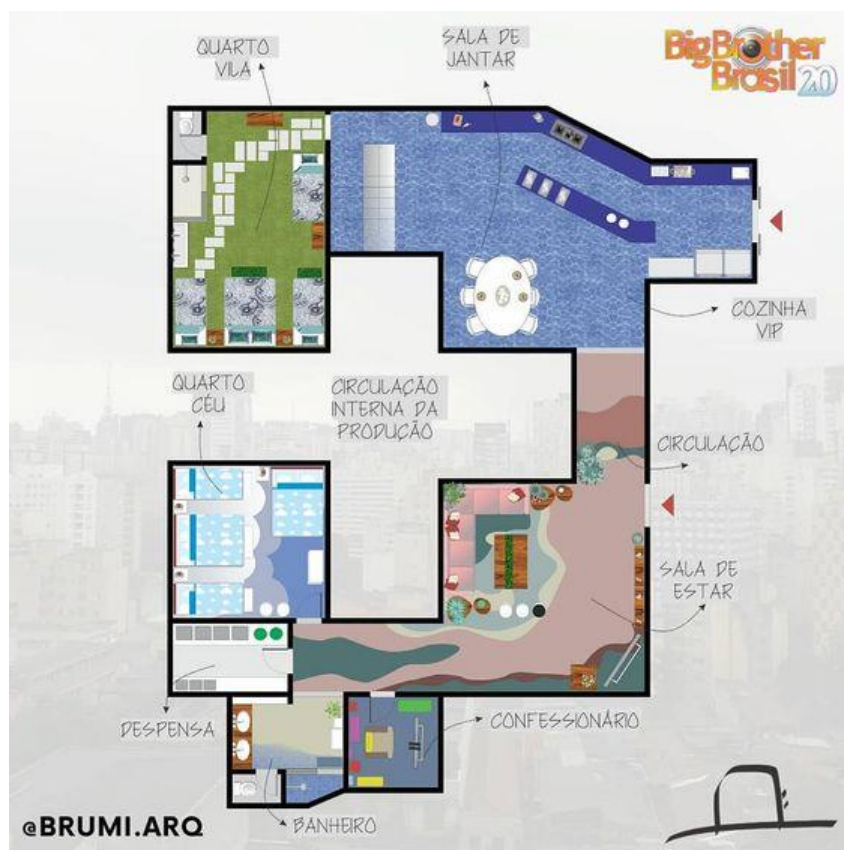
### **Por dentro da casa mais vigiada do Brasil e o olho do poder**

“Seria preciso fazer uma “história dos espaços” - que seria ao mesmo tempo uma “história dos poderes” - que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômico-políticas. É surpreendente ver como o problema dos espaços levou tanto tempo para aparecer como problema histórico-político. [...] A fixação espacial é uma forma econômico-política que deve ser detalhadamente estudada.” (Foucault, 2007, p. 212)

Com apoio de Foucault, vamos continuar percorrendo a arquitetura da casa buscando entender a relação entre *reality show*, participantes e telespectadores e os efeitos da



mídia nos marcadores sociais. Para que possamos entender como o espaço age como um dispositivo<sup>15</sup> para pensar as relações de poder, é preciso analisar a casa da edição 20. Apesar de termos feito a cronologia das antigas temporadas do Big Brother Brasil, neste momento chamo atenção para a vigésima edição do programa, cuja casa será analisada aqui. As informações a seguir foram retiradas do site oficial da Globo<sup>16</sup> e também das cenas que foram ao ar no período de exibição do programa. A descrição da casa que seguirá esta narrativa, buscará traçar minimamente os detalhes da casa buscando tornar acessível para pessoas com deficiência visual que, porventura, terão acesso a este trabalho. Será feita a descrição inteira da casa e, após, serão selecionadas duas parciais para pensar a relação entre discursos midiáticos, raça e gênero.



<sup>15</sup> Aqui dispositivo se torna sinônimo para uma tecnologia, arquitetura ou engendramento; não figurando como a noção de dispositivo que Foucault (1999) apresenta.

<sup>16</sup> A ver:

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb20/noticia/bbb20-confira-as-tendencias-de-decoracao-da-casa-na-edicao-historica.ghtml> e

<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb20/noticia/spoiler-bbb20-confira-as-primeiras-fotos-da-casa.ghtml>

A decoração da parte interna da casa do Big Brother Brasil na sua vigésima edição fazia alusão às temporadas anteriores, com cada cômodo tendo um tema próprio. A porta principal da casa é de vidro e automática, o repartimento de entrada é a sala de estar, que se encontra no meio de um corredor em L que liga a despensa e a cozinha VIP, a sala e o corredor estão no tema selva, fazendo referência ao quarto selva do BBB12, é composta por um sofá em formato de L cor de rosa encostado na parede com almofadas estampadas com padrões de diferentes animais, cinco banquinhos pequenos de madeira clara com capas de pluma, três rosas, uma branca e uma preta, uma mesa de centro e uma prateleira grande em L acima do sofá, próxima ao teto, ambas no mesmo tom de madeira dos bancos. O ambiente é decorado com muitas plantas no chão, em cima da mesa de centro e da prateleira, enfeites dourados no formato de folhas da costela de adão pendurados na parede, dois espelhos em formato de setas em cima do sofá, um em cada uma das paredes, os dois com a ponta da seta apontados para o meio do sofá; há também outros espelhos na parede oposta, próximos à porta e à televisão. Quatro troncos da madeira clara, dois em cada ponta do sofá, servindo como suporte para mais plantas, lâmpadas e enfeites de macacos de porcelana branca. O piso é coberto por um tapete com padrão de camuflagem em tons de marrom e verde e a parede é verde abacate.

Percorrendo o curto corredor à esquerda, a primeira porta é para o confessionário, a segunda é um arco aberto para o banheiro, na parede que fecha o corredor tem uma porta para a despensa e na parede da direita do corredor, uma porta para um dos quartos, as portas são todas verdes.

O confessionário é um quarto pequeno, as paredes são cobertas por um papel de parede xadrez em diferentes tons de roxo, tem uma câmera na parede contrária à porta e uma poltrona de frente para ela, dois armários ficam atrás da poltrona, um amarelo na frente da porta, encostado na parede e um roxo mais na esquina do cômodo na mesma parede que a porta, acima da cômoda roxa tem duas prateleiras posicionadas como uma escada, azul a de baixo e amarela a de cima. O confessionário foi inspirado no quarto brechó do BBB13, e tanto a poltrona quanto a decoração é modificada frequentemente, trazendo objetos que fazem alusão a outras temporadas passadas.

O banheiro tem a temática de praia, o piso é estilizado como se fosse a água do mar vindo do lado oposto à porta quebrando na areia de praia, a parede em frente a da porta é de pedras, tem um chuveiro feito com a mesma pedra cinza com espelhos dentro, um vidro em cima de um muro feito de pedra evita que o resto do banheiro fique molhado, três rodas de leme de tamanhos diferentes ficam penduradas no muro. No lado direito do chuveiro, tem

uma porta azul que é onde fica o vaso sanitário. A parede esquerda é estampada com uma paisagem tropical, o pôr do sol atrás de rochas numa praia, a parede direita é completamente escondida atrás de um espelho e uma bancada azul com a superfície de pedra, três pias de pedras mais escuras ficam em cima da bancada e três remos de barco estão pendurados na horizontal na parte frontal da bancada, na parede da porta apenas uma estante azul continua da bancada, onde os moradores podem colocar roupas ou outros pertences pessoais.

A despensa é um quarto com espelhos grandes cobrindo todas as paredes por completo, o chão é prateado e lá tem várias estantes de metal onde a produção deixa utensílios que vão ser necessários pelos moradores.

Seguindo o corredor da sala à direita, depois de um arco aberto como porta, se encontra a cozinha VIP, com o tema Sibéria, inspirado na xepa do BBB14, as paredes são das cores brancas e tonalidades diferentes de azul, assim como o piso que reflete as luzes, copiando a aparência de gelo, e a maioria dos móveis do ambiente que também são azuis e branco, exceto pelos armários suspensos, as duas geladeiras e os eletrodomésticos que são prateados. Tem espelhos grandes e retangulares em todas as paredes do aposento. Entrando na cozinha pelo corredor, à direita tem uma porta de vidro automática pra o jardim e à esquerda uma mesa redonda de vidro com a parte central metálica, o suporte fica apenas no centro da mesa, na parte metálica, e é coberto por um pano azul semi-transparente com luzes na parte de dentro, nove cadeiras de madeira clara com o assento coberto por plumas brancas ficam ao redor da mesa. A parede oposta à entrada pelo corredor é ocupada quase completamente por uma grande fileira de bancadas azuis com a parte interna branca, outra fileira de bancadas fica um pouco a frente, no centro do cômodo, dividindo a cozinha propriamente dita e a sala de jantar, as gavetas e armários brancos viradas para a cozinha e a parte de trás azul da bancada, para a mesa de jantar. A parede da cozinha oposta à porta para o jardim tem a aparência ser formada por cubos lembrando cubos de gelo em um iglu, bem próxima a essa parede tem uma escada fina em zig zag na cor branca que aparenta estar coberta com neve, na parte de baixo tem um manequim de um alpinista como se estivesse escalando a escada.

Ao lado da escada está uma porta branca que leva para o quarto vila, baseado na fachada da casa em forma de vila no ano de 2017, o piso do quarto é coberto com grama sintética e uma trilha de pedra na diagonal saindo da porta em direção a extremidade oposta na parede à esquerda, passando pelo box de vidro do chuveiro, uma pia branca e terminando no pé da cama de solteiro que fica na esquina contrária à porta. As paredes são coloridas, a parede à direita é amarela, a parede em frente à porta tem uma parte amarela, a parte do

chuveiro e pia é coberta por azulejos brancos com formatos geométricos azuis e uma parte azul próxima a parede esquerda que é completamente azul, a parede onde está a porta para a cozinha continua azul, mas se torna vermelha antes da metade. Todas as paredes têm espelhos com a moldura branca no formato de janelas, exceto pela parede que está o chuveiro. São quatro camas no estilo box com o mesmo edredom xadrez, três delas estão lado a lado na parede azul, duas de solteiro nas pontas e uma de casal no meio, são separadas por duas mesas de cabeceira de madeira; outra cama está encostada na parede vermelha, na horizontal, com um arco metálico em cima, ornado por uma planta de plástico com flores brancas; todas as camas têm caixas feitas de grama sintética para guardar roupas e objetos pessoais. Na parede amarela tem uma cômoda de madeira e uma churrasqueira de metal sendo usada como um vaso de plantas. O teto é emoldurado nas paredes amarela e vermelha com telhas, como se vistas do lado de fora de uma casa. Ao lado do chuveiro, em frente à porta de entrada, tem uma lâmpada de quintal, mais flores de plástico e uma porta para um pequeno banheiro com apenas um vaso sanitário.

O outro quarto, com a temática de céu, baseado no confessionário do BBB2, o piso é coberto com tapete azul, o papel de parede é azul mais claro, com várias nuvens desenhadas e espelhos entre elas seguindo seus formatos. em frente a porta tem uma cômoda branca e mais a frente, uma cama de casal com edredom com um céu azul estampado com uma mesa de cabeceira branca, na parede da esquerda, em relação a porta, estão encostadas três camas, duas de solteiro nas pontas e uma de casal no meio entre duas mesas de cabeceiras brancas, todas as camas com o mesmo edredom e com caixas feitas de pluma branca para colocar roupas e pertences pessoais. Dois bancos pequenos de metal com capas de pluma branca ficam próximos à porta. O quarto é decorado com um grande portão dourado com correntes e um cadeado preso na parede ao lado da porta que o tranca; pendurados no teto existem pequenas nuvens brancas e anjinhos brancos e vermelhos.

O quarto branco, usado como o castigo do monstro, é no segundo andar da casa, onde ficam os bastidores da produção. É um quarto com paredes brancas, almofadadas, que abafam o som, a porta depois que fechada é imperceptível para o telespectador e em uma das esquinas da parede tem uma pequena passagem por onde os confinados recebem a comida. O quarto tem duas camas nas extremidades de uma parede, e uma centralizada na parede oposta, todas as camas de solteiro no estilo box e com a roupa de cama branca, um espelho retangular na horizontal em cima de cada uma das camas e um centralizado na parede entre as camas. No centro do quarto tem um pedestal branco no formato de um cubo com a superfície

vermelha e um botão vermelho em cima. O teto é móvel e se movimenta para cima e para baixo em período de tempo aleatório.

A porta principal da casa, na sala de estar abre para uma varanda numa área coberta entre duas paredes, o piso é branco e as paredes laranja avermelhado, exceto pela parede esquerda, que é coberta com retângulos de madeira na horizontal. Quatro cadeiras de jardim feitas de vime da cor creme, com assento e encosto almofadado branco e almofadas verdes; uma mesa de centro baixa, redonda, também feita de vime e da mesma cor das cadeiras; dois bancos cinza com expressões faciais esculpidas; um tapete retangular com formas geométricas em diferentes cores do branco ao marrom e quatro mesas de canto de tamanhos diferentes, duas da cor vermelha e duas da marrom. Diversos vasos grandes de plantas ornamento local, todos em tons esverdeados e com plantas grandes.

Em frente a esse espaço tem um grande jardim coberto com grama sintética. A piscina fica em frente, mais à esquerda, com algumas espreguiçadeiras em sua volta: uma cama de rede de vime com um colchão creme paralela à varanda; em frente à porta da varanda, em paralelo à parede esquerda da piscina, há duas espreguiçadeira azul marinho semelhantes a um sofá, possuem dois encostos opostos cada uma, um em cada extremidade, permitindo que a pessoa que vai sentar possa estar de frente para a piscina ou de costas; há também mais uma cama de rede adiante, mas na cor azul marinho.

Também saindo da varanda, à direita, fica na diagonal uma calçada da fama, com vários pisos quadrados em tons de cinza e com grandes estrelas no centro de cada um dos pisos, está escrito nas estrelas o nome de todos os vencedores das temporadas passadas do Big Brother Brasil com o número da edição que ganharam, a última estrela, que fica próxima a porta de saída do estúdio de gravação, tem apenas o espaço para um nome com um ponto de interrogação em cima do número 20.

Seguindo um pequeno corredor delimitado apenas pelo piso branco à esquerda da varanda, na mesma parede coberta com retângulos de madeira, está a porta da cozinha VIP, que leva à cozinha da xepa. Essa cozinha é ao ar livre, a bancada é cinza, no estilo industrial, com as portas dos armários e gavetas pretas, a pia está próxima a ponta da bancada, é uma torneira prateada e duas cubas do mesmo material da bancada. Armários Suspensos ficam logo acima da bancada, também com as portas pretas, mas também algumas portas de vidro que mostram alguns copos e taças duralex marrom e algumas tigelas pretas e amarelas; o espaço entre os armários de baixo e de cima é coberto por um espelho longo na horizontal. Uma bancada na diagonal, como a parede, delimita o espaço da cozinha, onde termina o piso branco e começa a grama sintética; bem em frente a quina da piscina. Outra bancada, fica um

pouco mais a frente, está a aproximadamente um metro de distância da piscina, mas faz um ângulo reto com sua parede direita; ela delimita o fim da cozinha da xepa e o começo da sala de jantar.

A sala de jantar e a sala de estar dividem o mesmo ambiente, ao ar livre, em um espaço paralelo à piscina. O piso é coberto pela grama sintética e as paredes são amarelas com alguns detalhes alaranjados, tem três espelhos diferentes na extensão da parede: o primeiro é no formato de um quarto de um círculo; o segundo é um retângulo, colocado bem ao lado da mesa de jantar e o terceiro é um círculo em frente aos sofás da sala de estar. Uma televisão presa na parede ficava em cima dos espelhos, entre a sala de jantar e a de estar. A mesa era preta com espaço para dez cadeiras, a cerca de um metro de distância estava uma mesa de centro creme e encostado na parede estava um sofá de jardim com lugar para uma pessoa, feito de madeira tingida de cinza com o encosto e assento almofadados na mesma cor e algumas almofadas amarela, laranja e preta, outro sofá semelhante estava virado para a mesa de jantar, mas com lugar para duas pessoas, entre os dois sofás tinha uma mesa de canto redonda de madeira.

Atrás do sofá, tem um pequeno espaço na esquina do terreno, ao ar livre, com duas paredes que formariam um ângulo reto se não fosse por uma terceira na diagonal entre elas, todas as três brancas, assim como o piso. O espaço é preenchido com uma escada em espiral de metal preta logo atrás do sofá, uma bancada branca e simples encostada na parede com um tanque e uma máquina de lavar roupa também branca; as duas paredes possuem pequenos espelhos pendurados.

Em frente à varanda, do outro lado da piscina, fica a jacuzzi em um piso de concreto elevado, tem um degrau do lado direito que divide essa elevação do resto do terreno coberto por grama sintética. À esquerda desse espaço tem uma divisória de concreto em formato de escada, feita com pequenos quadrados amarelos e com a borda marrom, ao lado dessa divisória está a pequena lavanderia. Esse local é nos limites do terreno, encostado na parede que é arquitetada para criar profundidade com o formato de arcos; são três arcos com espelhos dentro de tamanhos diferentes e em ordem crescente, o menor estando em cima do palanque e o maior logo depois do degrau; mais três arcos são colocados na parede, sem espelhos, começando do topo de cada um dos três primeiros e indo até o chão, criando uma ilusão de que existe mais espaço no terreno atrás desses arcos.

A calçada da fama termina em um espaço do terreno que é mais elevado, como uma subida, em frente a um pequeno jardim que fica de baixo de três grandes janelas em uma parede de madeira, esse espaço é a academia. do outro lado tem um outro cômodo,

semelhante, com uma escada de concreto larga subindo junto com a elevação do terreno, também com grandes janelas e a parede e porta de madeira, é o quarto do líder e entre esses dois cômodos tem uma varanda coberta, com o piso de concreto e as paredes laterais de concreto; a parede do fundo tem uma porta de madeira larga com espelhos retangulares na horizontal. As paredes tem alguns detalhes com tijolos vermelhos ao lado da porta da academia e igualmente posicionado na parede oposta, assim como na quina das duas paredes com a do fundo. Nesse espaço tem apenas um sofá de vime marrom e redondo, com o acolchoado branco e muitas almofadas, uma mesa de canto ao lado do sofá feita com o mesmo material, dois bancos pequenos, um preto de metal e outro de vime, vários vasos e plantas e o big fone, um telefone de parede vermelho pendurado na parede entre os detalhes vermelhos da parede, em um apoio em formato de estrela preto com detalhes dourado, luzes de neon em formato de estrela contornam o apoio do telefone, a menor e mais próxima na cor branca e a maior na cor vermelha.

O quarto do líder é no mesmo nível da área do big fone, tem algumas plantas enfeitando a escada e uma planta ao lado da porta; a porta do quarto cria um pequeno corredor retangular do lado externo, uma grande janela está posicionada na parede à esquerda desse corredor, na mesma altura que as outras janelas viradas para o jardim. O posicionamento da porta cria um pequeno espaço retangular no interior do cômodo ao lado das grandes janelas, esse espaço é utilizado para fazer uma pequena sala de estar com quatro poltronas bege acinzentadas de veludo e uma mesa redonda de vidro fumê, na parede à esquerda desse espaço está pendurado um espelho ovalado deitado, na mesa ficam peças com desenhos de cada um dos participantes para que o líder e seus aliados possam visualizar melhor o jogo. O piso é coberto por um tapete estampado com várias formas retangulares das cores branca, vermelha, vinho, champagne e bege acinzentado. A cama de casal fica em frente à porta, a roupa de cama é vermelha com detalhes dourados, exceto pelo lençol do colchão que é branco; há duas luminárias de chão em cada lado da cama, na cor preta, uma cômoda ao lado com porta retratos do líder e sua família e um retrato pendurado de uma colagem com a imagem do líder da semana; na parede em frente à cama está um bar e sobre ele um espelho retangular deitado pendurado, um frigobar ao lado e uma TV acima do espelho, onde é possível ver a casa principal. Na parede em frente a porta de entrada, do outro lado da cama, tem uma outra porta para o banheiro, um cômodo quadrado dentro do quarto, ao lado da parede do banheiro está um piso de azulejo preto, com um armário suspenso de madeira com uma bancada preta e a pia na mesma cor e um espelho quadrado em cima, ao lado da pia um chuveiro com vidro fumê.

Do outro lado da área do big fone está a academia, a porta de entrada é de vidro, semelhante às grandes janelas que dão para o jardim o piso é de concreto escuro com pontos brancos como se fosse brita, as paredes do cômodo são com retângulos de auto relevo majoritariamente da cor branca, mas com desenhos psicodélicos coloridos, formando círculos, rabiscos, pontos e manchas coloridas entre outros desenhos; no centro de alguns círculos estão espelhos retangulares mais com as bordas escondidas pelos retângulos da parede acima de um dos espelhos, na parede oposta à entrada, está uma televisão. Os equipamentos para exercício estão dispostos nas extremidades do cômodo deixando o centro livre para os participantes se exercitarem com corda, elásticos ou halteres. Na esquina da parede com as janelas e a parede com a porta estão alguns pesos e na parede oposta à da janela tem uma estante pequena de metal com garrafas de água na primeira prateleira e algumas toalhas coloridas na de baixo.

### **Parcial I: confessionário e raio-x**

A confissão faz parte da cultura ocidental, surge no processo de individualização radicalizado pelo cristianismo, sendo que as práticas confessionárias são estratégias de constituição do sujeito e subjetivação (Bianca Kelly de Sousa, 2012). Para Foucault (2011, p.347), “a confissão consiste num discurso do sujeito sobre ele próprio, é uma situação de poder em que ele é dominado, coagido, mas que, por meio da confissão, ele modifica.”

Uma das funções do confessionário no Big Brother Brasil é justamente a confissão, é um lugar onde os participantes votam toda semana em quem eles querem que vá para o paredão e se justificam, mas também, recentemente foi acrescentada a função de “raio-x”, que é feito toda manhã como um diário de bordo. É também um momento em que todos os participantes podem pedir utensílios básicos que estão faltando ou que acabou e fazer outros pedidos para a produção sobre essas questões mais vivenciais dentro da casa. Mas, principalmente, o confessionário no BBB é o espaço em que os participantes podem conversar com o público, dizendo como estão se sentindo, como foi o dia anterior, o que estão pensando e como estão jogando. É a partir desse raio-x que o público toma consciência sobre as estratégias, certezas e inseguranças dos participantes, permitindo assim que o jogo seja visto de forma mais ampla, e íntima, pelos espectadores.

Entendemos que a tecnologia do confessionário no BBB envolve um conjunto de saberes e práticas relativas à subjetividade, colocados em uma provocação no ato de verbalizar o que é espontâneo e instintivo, no processo de enunciação e no exercício de narrar



sobre si mesmo e assim, produzir um conhecimento acerca do sujeito (Bianca Kelly de Sousa, 2012).

A noite de domingo no Big Brother Brasil é quando acontece a votação para o paredão: o líder da semana não vai para o confessionário, escolhe na frente de todos uma pessoa que vai direto para o paredão enquanto os outros personagens votam dentro do confessionário de forma secreta, apenas o público sabe quais foram seus motivos e em quem decidiram votar. Como disse, o público deve saber tudo que os participantes fazem, a todo instante, e com o dispositivo da confissão mais um elemento para analisar os participantes aparece: o que se passa na interioridade dos indivíduos. Isso significa que o participante se torna obrigado a dizer tudo que está em sua interioridade, colocando o público como aquele que vai decidir quem deve ficar mais uma semana, quem vai ser o próximo a sair e quem vai ganhar no final. Como Bianca Kelly de Sousa (2012) nos coloca, as confissões dos participantes servem para produzir uma verdade que não era conhecida pelos espectadores e nem pelos participantes. Desta forma, é estabelecido um jogo sobre a verdade mediado pelo *reality* e construindo uma falsa sensação de intimidade e confiança entre público e participantes.

O espaço físico do confessionário do BBB 20, como expliquei antes, tem inspiração na decoração de brechó que foi usada em um dos quartos do BBB 13, por isso era comum os enfeites nas prateleiras e a poltrona mudar de semana em semana; acredito que essa identidade visual escolhida se relaciona com a inconstância que aparece nas confissões dos participantes e como isso afeta a forma com que o público interpreta o que está acontecendo no jogo, criando então verdades que vão ter efeito sobre o destino dos confinados a partir de seus julgamentos. O favoritismo dos participantes é inconstante, muda a cada semana, assim como os odiados podem conseguir a simpatia do público novamente se ficarem por tempo suficiente e se conseguirem virar o jogo em seu benefício, mas por não terem nenhum contato externo, não existe como saber o que devem fazer para conseguir tal fim; esse é um dos mecanismos mais importantes do jogo.

O dispositivo da confissão age na mesma esfera que a narrativa dentro do programa, os confinados em seus raio-x se baseiam nos fatos biográficos, mas também em suas experiências lá dentro, permitindo-se imaginar o presente, o passado e o futuro e, assim, construir histórias com sentido para si mesmo e para sua audiência (Karina Moutinho e Luciane De Conti, 2016).

“Entende-se que o contar uma história é uma forma de agir, que envolve e persuade sua audiência. Nessa perspectiva, sobressaem-se os estudos sobre construções de

sentido de identidade, nos quais a pergunta do analista envolve o “como” os narradores querem ser conhecidos e como eles envolvem a audiência “fazendo suas identidades”. Na narrativa como uma construção interacional, prevalece a ideia de que a audiência constrói conjuntamente a narrativa, historicamente e culturalmente. Nessa visão, entende-se que contar uma história é um processo de elaboração conjunta, em que aquele que conta e aquele que ouve criam sentidos colaborativamente.” (Karina Moutinho e Luciane De Conti, 2016, p.2)

Como aparece no gráfico mostrado no início desta escrita, podemos ver que, além da falta de representatividade, há uma desproporcionalidade no número de rejeição maior que 80% e favoritismo em relação a pessoas brancas e negras, sendo que 13% das mulheres cisgênero negras que entraram no programa foram eliminadas com rejeição, enquanto apenas 5% das mulheres cisgênero brancas foram eliminadas com grande rejeição, 9% dos homens cisgênero negros são eliminados com grande rejeição e esse valor para os homens cisgênero brancos também é de 9%. Em relação ao favoritismo 10% das mulheres cisgênero brancas ganham o favoritismo em suas temporadas, 9% das mulheres cisgênero negras são favoritas e 6% dos homens cisgênero brancos são favoritos.

A partir desses números conseguimos entender que o gênero e a raça afetam em como serão criados os sentidos colaborativamente entre participantes e audiência, afinal essa elaboração conjunta é construída dentro de um contexto histórico e cultural, e as narrativas coletivas compartilhadas dentro de sentimentos de comunidade são tangenciados pelos legados da misoginia, escravidão e colonialismo (Avtar Brah, 2006) por isso mulheres cisgênero negras aparecem com a maior probabilidade de serem fortemente rejeitadas dentro do programa no contexto brasileiro, enquanto mulheres cisgênero brancas aparecem com a maior probabilidade de ganharem o favoritismo do público e homens cisgênero brancos com a maior probabilidade de ganharem o jogo e o título de melhores jogadores da temporada.

O posicionamento do público e dos participantes do reality em relação às diferenças dentro da casa se dá no embate entre valores e normas socioculturais: a construção da identidade e da produção de um conhecimento acerca do sujeito é o resultado de uma exposição aos discursos e narrativas sociais dominantes, além do processo no qual essas mesmas narrativas são frequentemente reconstruídas no plano das relações sociais (Karina Moutinho e Luciane De Conti, 2016) e, de acordo com Avtar Brah (2006), a diferença é constituída nas relações sociais e explicita as relações de poder dentro dos modos de diferenciação.

Os espectadores fazem parte do jogo, constroem as histórias junto com os participantes, mas pelas redes sociais. E toda terça-feira, através da eliminação, o público manda mensagens aos moradores da casa sobre o que foi julgado durante aquela semana e a trajetória dos participantes. A partir dessa dinâmica os jogadores de dentro da casa não têm outra escolha a não ser criar histórias junto com o público, tentando interpretar quais são as narrativas que estão acontecendo do lado de fora para assim se beneficiarem e criar uma imagem positiva sobre si mesmos, e no BBB 20 essa tentativa de elaborar sentidos sobre suas trajetórias, os participantes extrapolaram o confessionário e estabeleceram os VTs como parte dessa narração de histórias sobre si.

## **Parcial II: os VTs e influenciadores digitais**

Os participantes do Big Brother Brasil sempre utilizaram das câmeras para contar suas histórias para o público, mas apenas no BBB 20 o termo VT se popularizou tanto na casa quanto fora dela, dando origem também aos termos VTzeiro e VTzeira, inicialmente utilizado como uma ofensa para resumir “você está tentando chamar atenção do público”, mas acolhido por muitos no decorrer do jogo e aqui fora como algo necessário e até positivo, desde que não fosse muito “forçado”. Para entender a popularização dessa gíria, precisamos entender o contexto da vigésima edição e um aspecto que ela inaugura – a primeira vez que o programa trouxe figuras públicas com *status* de celebridade para participar do jogo, sendo: quatro influenciadores digitais, duas cantoras, dois atletas e um ator; a maioria dessas pessoas já entraram com vantagens — não apenas a de ter muitos fãs e assim uma torcida mais consolidada, mas também a de se sentirem mais à vontade em frente às câmeras e saberem se expressar melhor para o público. É importante destacar que das 9 figuras públicas que foram convidados a participar do jogo como camarote, apenas 2 não eram brancas, o que apenas acrescenta na discussão desse trabalho sobre a atuação da branquitude acerca do sucesso e as possibilidades de pessoas não-brancas na mídia, seja a mídia tradicional ou a mais alternativa. As vantagens que essas pessoas possuem se tornam importantes para uma melhor construção e venda de imagem porque o formato do Big Brother Brasil hoje é atrelado às redes sociais e funciona como uma temática principal, ou nicho, que influenciadores digitais podem estar usando para atrair seguidores.

Pensando o BBB e a articulação deste programa com redes sociais e agindo para se impulsionar nesses ambientes, é preciso então falar sobre os influenciadores digitais. Issaaf Karhawi (2016) fala que um dos motivos que permite um influenciador digital se destacar,

ganhar sucesso e se diferenciar de um usuário comum é a reputação. A autora coloca que existem várias formas de reputação, mas todas elas se relacionam com a confiança coletiva: a confiança de que a pessoa traz informações relevantes, de que é engraçada ou de que se posiciona politicamente, entre outras reputações que um influenciador pode ter. Entretanto, também se torna importante pensar sobre quais são os estereótipos de homens e mulheres cisgênero brancas, negras, asiáticas e indígenas que existem no imaginário da sociedade brasileira e a partir disso pensar em como isso pode afetar a reputação dessas pessoas. Os estereótipos relacionados a questões raciais ou de gênero são discursos reforçados pela mídia para impedir uma consciência racial ou de gênero e um debate acerca do assunto (Maria Aparecida Silva Bento, 2002) e são utilizados também para limitar o alcance, o engajamento e a ascensão social de mulheres cisgênero brancas, de pessoas transgênero e pessoas não-brancas. A reputação de pessoas fora do padrão homem cisgênero branco heterossexual é marcada pela desigualdade e limita o acesso a direitos.

“A utopia que hoje perseguimos consiste em buscar um atalho entre uma negritude redutora da dimensão humana e a universalidade ocidental hegemônica que anula a diversidade. Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta.” (Sueli Carneiro, 2003, p. 5)

Como já foi mencionado nesse trabalho, a produção abraçou as redes sociais como parte do jogo e criou o *Feed* BBB, uma plataforma digital que se relaciona com as redes sociais, essa características implementadas no jogo cumpre a função esperada do programa de aproximar o jogo com as redes sociais e faz com que os espectadores tenham a impressão de que os participantes estão de fato ativos nas redes sociais, já que o conteúdo produzido por eles na casa pode ser compartilhado pelos ADMs nas redes sociais oficiais, dando ainda mais visibilidade para o programa e transformando os participantes em influenciadores digitais cujo nicho é o que está acontecendo no Big Brother Brasil e como é estar nessa competição. Os recortes que a produção faz do programa para contar uma história e construir personagens são os VTs, que se tornaram conteúdo nas redes sociais pelos fãs e pelos ADMs para fortalecer e moldar a imagem dos participantes transmitida para os outros espectadores. Os *posts* nas redes sociais oficiais dos participantes varia, podendo ser apenas imagens do *Feed* BBB, comentários sobre os VTs, fotos antigas da pessoa mescladas com postagens próprias dos participantes de dentro da casa ou postagens pensadas, roteirizadas e programadas pelos

participantes (e assessoria) antes de entrar no jogo; todas essas formas de construir a imagem dos participantes vão ser compartilhadas durante a programação pelos administradores das páginas oficiais.

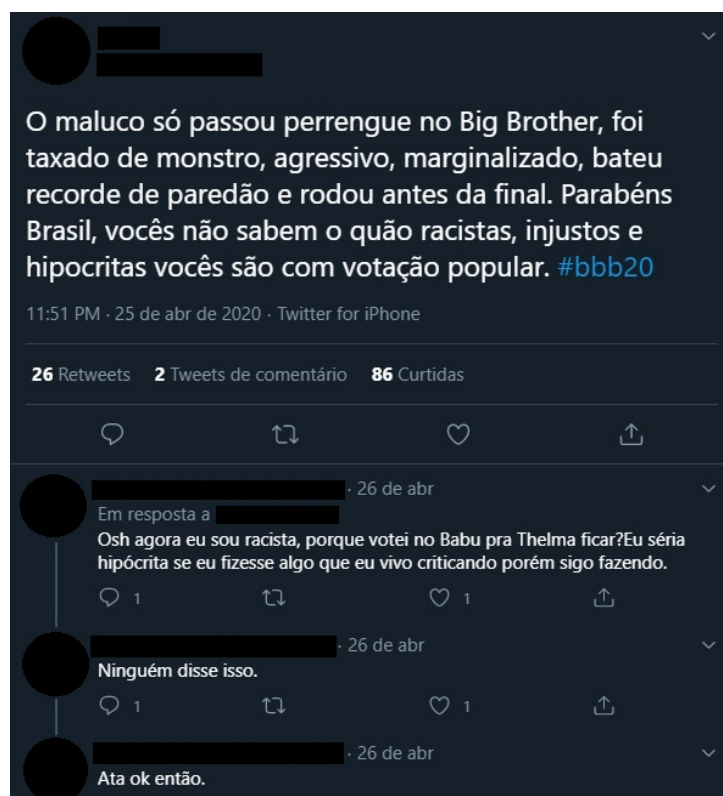
Os fãs não são passivos nessa relação: de acordo com Gabriela Saraiva Habckost (2017) a audiência do Big Brother Brasil se relaciona com o programa de uma forma diferente, produzindo conteúdo sobre ele, principalmente no Twitter; gerando debates e trocando informações uns com os outros. Dessa forma a autora entende que os usuários são elevados à condição de produtores do programa pelo saber que eles possuem sobre o BBB e os participantes; ela percebe também uma relação de poderes entre usuários, aquele que sabe mais e pode passar informações inéditas e conteúdos mais detalhados é mais respeitado entre os fãs.

“Nesse contexto, tendo em vista valores como reputação, visibilidade e acesso à informação, o fã produtor acaba por produzir seu conteúdo pautado principalmente por seus seguidores e por aquilo que lhes interessa, e, muitas vezes, percebe a necessidade de refletir sobre o que será postado, considerando seu grau de influência na rede de que participa.” (Gabriela Saraiva Habckost, 2017, p. 66).

O Big Brother Brasil deixou de ser apenas um *reality* e entretenimento para a televisão e passou a ser também conteúdo na internet, o tema que influenciadores digitais falam para agradar seu público, já que a audiência procura, consome e demanda esse assunto. Os fãs passam a seguir as contas oficiais dos participantes porque esperam que os administradores postem e falem sobre o que está acontecendo, eles são vistos como fontes confiáveis sobre o que está acontecendo no jogo, e é assim que os participantes ganham o *status* de influenciadores porque “se o Eu passa a ser mostrado e compartilhado ele também pode ser comercializado” (Issaaf Karhawi, 2016, p. 50). É interessante para a lógica do programa que os participantes se tornem influenciadores digitais porque o BBB é patrocinado por diversas marcas que buscam um retorno financeiro, e podem fazer parcerias com favoritos do programa procurando qual ex-participante tem um público que seria mais interessado em seu produto. Dessa forma, podemos pensar que pode existir alguma participação dos patrocinadores na criação de sentidos colaborativamente, prestando atenção nos debates das redes sociais para saber qual participante seria uma boa colaboração. E os participantes têm sua própria imagem valorizada, de tal forma que podem usá-la como moeda de negociação entre influenciadores digitais e empresas (Issaaf Karhawi, 2016) mesmo que estejam alheios ao que acontece fora da casa.

Aqui retomamos então o debate sobre a reputação e como os estereótipos e concepções presentes no imaginário popular afetam diretamente os VTs dos personagens e a elaboração de sentidos e, conseqüentemente, a formação de potenciais influenciadores digitais. É preciso identificar e entender o racismo, a misoginia e outras opressões como práticas discursivas que produzem os posicionamentos do BBB, pois identificando os recursos discursivos utilizados é possível fazer uma discussão sobre os efeitos nos processos de subjetivação e o posicionamento agentivo (Karina Moutinho e Luciane De Conti, 2016), ou seja, o ato de se posicionar e posicionar a audiência ao fazer uma narrativa, a relacionando com valores, racionalidades e normas socioculturais.

Thelma, como foi discutido anteriormente, teve seu primeiro VT quase um mês antes do programa acabar, e no dia 27 de Abril de 2020, o dia da final, de acordo com Alexandre Nunes para o site da Agência Especializada em Marketing Digital (AMKT),<sup>17</sup> que fez uma lista de quantos seguidores no instagram cada participante do BBB 20 tinha, Thelma estava em décimo lugar. Apesar de acreditar que se ela tivesse recebido atenção dos produtores e seu jogo fosse mostrado com mais afinco, talvez ela tivesse ganhado mais seguidores, temos os casos de Babu e Flay que são participantes negros que receberam um número considerável de VTs durante toda a temporada, mas nessa lista estão respectivamente em oitavo e décimo primeiro lugar, não muito longe de Thelma.



<sup>17</sup> Ver em: <http://amkt.ppg.br/seguidores-participantes-do-bbb/>

A branquitude faz posicionamentos agentivos sobre a sociedade brasileira por meio dos discursos midiáticos e assim justifica a injustiça e a criação de processos de estigmatização que comete sobre grupos não-brancos (Maria Aparecida Silva Bento, 2002). A língua falada no Brasil está marcada pela história da colonização européia, por desigualdades raciais e de gênero e se torna arma que exclui e pode levar até ao genocídio; se torna importante pensar assim quando falamos em processos de subjetivação sendo produzidos e atravessados por toda uma agência cultural da branquitude, afinal apesar de todos os brasileiros estarem inseridos no mesmo contexto cultural, as experiências de ser brasileiro não são unificadas e fixas e devemos compreendê-las como campos de significação que estão no jogo de subjetivação de sujeitos de formas diferentes, a partir de diversos processos como midiáticos e culturais (Avtar Brah, 2006). A audiência do Big Brother Brasil é afetada por esses processos de maneiras diferentes, mas ainda assim faz um retrato da sociedade brasileira quando pensamos nas ex-participantes favoritas, maioria delas mulher cisgênero branca, nos vencedores, maioria homem cisgênero branco, na falta de representatividade de outros grupos sociais como pessoas transgênero, indígenas, asiáticas e negras ou mesmo o estigma que receberam os participantes não-brancos durante a exibição da vigésima edição do programa: "a experiência não reflete de maneira transparente uma realidade pré-determinada, mas é uma construção cultural." (Avtar Brah, 2006, p. 360).

Novamente precisamos falar sobre o branqueamento e as estratégias da branquitude que existem para tentar evitar a ascensão social de pessoas negras no Brasil, desde a dificuldade de indentificação racial que leva a uma desorganização na luta contra a discriminação racial; a perda da identidade negra (o mesmo se aplica à identidades indígenas e asiáticas) é uma das práticas que dificultam o avanço para uma sociedade mais igualitária (Maria Aparecida Silva Bento, 2002). Lutar publicamente contra o racismo que acontece no BBB pode ser visto de forma negativa fora da casa e os participantes não-brancos sabem e fazem uso disso. Tanto que tal questão ocorre durante o BBB 20, pois, por mais que esse tema estivesse subentendido, não se nomeava o problema e isso se dá pela necessidade de ser aceito pela branquitude dentro do programa para ter sucesso; algo que acontece de forma diferente quando a problemática é a misoginia que as mulheres cisgênero brancas estão sofrendo. Pessoas negras ganhando *realitys* ou patrocínios depois de suas trajetórias é uma esperança de conscientização, mas ao mesmo tempo precisamos lembrar que é necessário não só a representatividade vazia, mas "um encontro do país consigo próprio, com sua história, com seu povo, com sua identidade." (Maria Aparecida Silva Bento, 2002, p. 28).

## Já fez seu VT<sup>18</sup>?

“Gente vocês vão ver o episódio hoje?” Solange mandou uma mensagem no grupo do whatsapp que criou com os seus primos, Eduardo e Emily, durante a quarentena. Era uma noite quente de fevereiro de 2021 e o Big Brother Brasil já estava começando, ela estava sentada no sofá azul da sala de estar, iluminada apenas pela luz da cozinha que ficava de frente para a sala, ligou a TV e mudou o canal bem a tempo de escutar o Tiago iniciar o programa falando sobre as brigas que aconteceram naquela tarde de sábado. “Sim, já estamos na frente da TV esperando faz horas. Menina, não acompanhei essa treta de hoje, que história é essa de briga da Camilla com a Karol?” Emily respondeu a mensagem enquanto prestava atenção na televisão e logo mandou mais uma comentando as cenas seguintes que apareceram “e já tô odiando o que tô vendo, Artur mentindo pro Gil na cara dura! Falando que não falou de jogo com os bastião, esse cara é insuportável!”. A próxima cena que aparece na televisão é no quarto do líder, mostrando a conversa entre Sarah e Gil sobre a futura votação e Eduardo comenta no grupo “Será que vem aí o paredão com a Karol finalmente?” ficou alguns minutos sem resposta e mandou novamente “Apesar de que a Sarah já disse que não bota a Karol, né? é torcer pra ela ir pela casa, ou se contentar com o Projota só”, “sim, só não quero ver a minha Carla saindo, de resto qualquer um tá bom” Solange respondeu o primo. Eles passaram o resto do primeiro quadro sem mandar mensagens novas.

“Galera a Karol fazendo a realidade dela né?” Emily comentou em voz alta, gravando seu áudio para a prima escutar, assim que o programa voltou ao ar “Ela criou todo esse desentendimento entre Artur e Gil pra tirar o dela da reta”, “Sim cara, o Gil sai gritando depois e chamam ele de louco, mas tá todo mundo mentindo pra ele, é de enlouquecer mesmo!” Sol respondeu com outro áudio assistindo ao programa. “O Gil surtado é o meu espírito animal!” Eduardo manda mensagem escrevendo o mesmo tweet que aparece na tela quando Gil está gritando que está indignado, Sol e Emily mandam risadas.

Depois de mais um longo intervalo do programa, Solange mandou uma mensagem para o grupo “Emi, vai começar aí a treta da Camilla, ela jantou a Kobra, fez tudo” Emily visualizou a mensagem e prestou mais atenção na televisão e, assim que a briga entre

---

<sup>18</sup> Essa cena aborda situações vivenciadas pelos protagonistas do BBB21: Arthur, homem cisgênero branco, instrutor de crossfit, entrou como pipoca; Camilla de Lucas, mulher cisgênero negra, influenciadora digital, entrou como camarote; Carla Diaz, mulher cisgênero branca, atriz, entrou como camarote; Gil do Vigor, homem cisgênero negro, economista, entrou como pipoca; Karol Conká, mulher cisgênero negra, rapper e cantora, entrou como camarote; Lucas Penteado, homem cisgênero negro, ator, entrou como pipoca; Projota, homem cisgênero negro, rapper, entrou como camarote e Sarah Andrade, mulher cisgênero branca, publicitária, entrou como pipoca.



Camilla e Karol ficava mais intensa na TV, respondeu “perfeita, ela mostrou pra todo mundo que o *gaslighting*<sup>19</sup> pesado que a Jaque tá fazendo, e também isso de levantar militância em questão de afinidade, definiu a Karol e mais algumas né” , “Gente, ela começa a briga e agora tá tirando a Camilla pra louca, falando que ela tá querendo fazer VT” Eduardo completou e logo Solange enviou debochada “beijinhos, beijinhos, beijinhos” e completou sua mensagem com alguns emojis mandando beijos, “você não tava indo Karol?” Eduardo entrou na piada e os três enviaram mensagens rindo “não acredito que tiraram essa parte da briga, é a melhor!” Solange completou. “Gente, e a Cami dizendo agora que ainda tinha mais coisa pra falar pra Karol” Emily gravou um áudio ainda acompanhando o programa, “o bom disso tudo acontecer é que agora a Camilla percebeu o jogo sujo da Kobra” ela continuou.

Assim que mais um intervalo começa, Solange pergunta “Vocês vão acompanhar a festa hoje?” “Sol, eu prometi pra mim mesmo semana passada que eu ia acompanhar as festas inteira, já fiz isso nas três últimas, porque não tem jeito, aquele dia que eu disse que era só uma festa e ia dormir, o Gil e o Lucas se pegaram e o Lucas ainda desistiu do jogo depois, sem condições” Eduardo mandou a mensagem rindo. “A gente tem que tá sempre atento né pessoal” Solange mandou o áudio com algumas figurinhas relacionadas ao BBB depois e logo mandou mais um “Se quiserem eu passo a minha senha do Globoplay gente, aí a gente acompanha a festa toda juntos” “porque ela é rica!” Emily respondeu imediatamente, junto com uma risada. Eduardo e Emily concordaram com a proposta, Sol enviou a conta e sua senha e os três entraram noite adentro acompanhando a festa daquela noite de sábado.

---

<sup>19</sup> O termo se refere a uma violência psicológica na qual o abusador ou a abusadora mente e omite informações para manipular sua vítima que passa a questionar sua sanidade. Para uma maior discussão sobre *gaslighting* ler: Souza, 2017.

## Qualquer coisa me bota na próxima edição



Entre Março e Abril, devido ao avanço da pandemia do COVID-19 pelo país, a quarentena tornou-se necessária e o distanciamento social contribuiu para o aumento das discussões sobre Big Brother Brasil na internet, por ser uma das poucas formas de entretenimento de constante atualização que se teve acesso em TV aberta. Além disso, era possível assistir pessoas que de certa forma também estavam em isolamento social se identificarem com a sensação do confinamento, assim como reviverem o sentimento de interagir com outras pessoas através do programa, a partir do dia-a-dia dos participantes, das festas e de debates virtuais sobre a realidade no *reality*.

Um ano depois a pandemia continua assolando o país, a sociedade brasileira ainda precisando de cautela nas interações sociais presenciais e o distanciamento social continua sendo necessário. Entretanto, em 2021 as pessoas estão ainda mais abatidas já que não se tem previsão ou esperança de um fim breve para essa situação no Brasil, com isso podemos ponderar os efeitos da pandemia de COVID-19 somados a um ano de quarentena sobre o público e os próprios participantes, é possível pensar que tais acontecimentos poderiam estar afetando ainda mais os ânimos dos participantes e torcida, tornando a experiência do jogo ainda mais intensa e diminuindo a tolerância à contraposição.

Na vigésima primeira edição três participantes formaram um novo pódio de participantes mais rejeitados da história do BBB: Karol Conká eliminada com 99,17% dos votos, Nego Di com 98,16% dos votos e Viih Tube foi eliminada com 96,69% dos votos; também nessa edição Juliette Freire ganhou um grande favoritismo, com 24,8 milhões<sup>20</sup> de

---

<sup>20</sup> Até Maio de 2021.

seguidores no instagram, sendo a participante do BBB que mais ganhou seguidores ainda confinada, e assim entrou para o pódio das três maiores favoritas do BBB, acompanhada por: Sabrina Sato, com 29,5 milhões de seguidores no instagram e Grazi Massafera com 23,3 milhões de seguidores no instagram.

Tais movimentações no BBB 21 reforçam a importância da discussão este trabalho buscou trazer referente à representação da imagem relacionada aos marcadores sociais, sendo a vigésima primeira edição aquela cujo elenco pela primeira vez na história do Big Brother Brasil foi composto por 9 pessoas negras, das quais 1 mulher cisgênero e 2 homens cisgênero foram eliminados com mais de 90%; enquanto das pessoas brancas 2 mulheres cisgênero foram eliminadas com mais de 80% e uma mulher cisgênero foi eliminada com mais de 90%. Como apresentado anteriormente neste trabalho, o erro de pessoas negras é julgado como pior que o erro de mulheres brancas e os erros de homens brancos, nessa temporada, nem aparecem em um número alto de rejeição.

Maria Aparecida Silva Bento (2002) trabalha a ideia da necessidade de pertencimento social, quando investimos nossa identidade em um grupo do qual pertencemos, e assim ela define também a exclusão como uma falta de compromisso político com o sofrimento de pessoas de outros grupos. No BBB 21 nós, espectadores, assistimos a exclusão de participantes por LGBTfobia, racismo e xenofobia, e assim presenciamos o cancelamento dos responsáveis por isso, mas precisamos repensar o quão próximo a cultura do cancelamento não se constitui como uma ferramenta das opressões que incentivam o descompromisso político com o sofrimento das pessoas canceladas. Pelo que foi visto no BBB 21, o cancelamento de mulheres cisgênero brancas é mais grave que o de homens cisgênero brancos, porém não se compara ao cancelamento das pessoas negras, e mesmo entre esse grupo, o de mulheres cisgênero negras foi considerado ainda mais grave que o de homens cisgênero negros. Entendemos assim que a língua é igual chicote, fazendo referência à fala de Karol Conká durante o programa, porque é no plano da linguagem e por meio da língua falada que acontecem os processos de significação e a produção de sentidos sobre o corpo, e a partir dessa produção chicoteia de formas diferentes corpos diferentes.

Dentre as questões que ainda ficam ou que se abrem no decorrer e, para além dessa escrita, penso que ainda se tem muito para estudar sobre o Big Brother Brasil e outros *realitys* e como esses discursos produzem efeitos sobre a sociedade brasileira, é importante continuar a desenvolver estudos sobre as relações dos patrocinadores e os efeitos de determinadas práticas discursivas, a relação dessas marcas e a produção de *merchandising* com os participantes depois que o jogo termina ou mesmo sobre as estratégias que pessoas

canceladas e que foram eliminadas com uma porcentagem alta fazem para limpar a imagem. É importante também frisar a necessidade da elaboração de trabalhos articulando diferentes marcadores sociais para evitar escritas que ignorem politicamente outros grupos.

## Referências

- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Brah, A. (2006). Diferença, diversidade, diferenciação. *cadernos pagu*, (26), 329-376.
- Bento, M. A. S. (2002). Branqueamento e branquitude no Brasil. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 5-58.
- Bertolini, J. (2016). *Discurso e poder na narrativa midiática: notas entre Foucault e jornalismo*. TEMÁTICA.
- Brito, R. D. S. (2008). As Armadilhas do Olhar: Visibilidades e Invisibilidades em Tempos de Reality Shows. *Revista Adusp*, p. 43-48, janeiro de 2008. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/files/revistas/42/r42a04.pdf>
- Camargo Santos, C., & Acevedo, C. R. (2013). A minoria modelo: uma análise das representações de indivíduos orientais em propagandas no Brasil. *Revista Psicologia Política*, 13(27), 281-300.
- Campanella, B. (2007). Compreensão e afetividade: o fã dentro da lógica do Big Brother Brasil. In *E-Compós (Vol. 10)*
- Carneiro, S. (2003). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 49, 49-58.
- Carta Capital (2017) “A solidariedade antirracista é o maior medo da supremacia branca”. <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/201ca-solidariedade-antirracista-e-o-maior-medo-da-supremacia-branca201d/>
- Castro, S. E. S. (2013). Marcadores sociais da diferença: sobre as especificidades da mulher negra no Brasil.
- Crenshaw, K. (2004). A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *VV. AA. Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 1(1), 7-16.
- DiAngelo, R. (2018). Fragilidade branca. *Revista ECO-Pós*, 21(3), 35-57.
- Estrelando, (2021). *Veja como o Big Brother Brasil mudou com o passar dos anos*. <https://www.estrelando.com.br/foto/2020/04/06/veja-como-o-big-brother-brasil-mudou-com-o-passar-dos-anos-225465/foto-14>
- Folha de S.Paulo (2002) *Globo não vai explorar sexo no “Big Brother”, garante Boninho*. <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u24891.shtml>
- Foucault, M. (2011) *Michel Foucault, as Respostas do Filósofo*. In: Ditos e Escritos VII – Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. p. 347. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- Foucault, M. (2007). *O Olho do poder*. In: *Microfísica do Poder*. pp.209-228. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (2009). *A Ordem do Discurso*. 19ª ed. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M (1999). *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. 13ª ed. Graal
- Foucault, M (1999). *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. 20ª ed. Editora Vozes.
- Geledes (2016). *A Mulata Globeleza: Um Manifesto*.  
<https://www.geledes.org.br/a-mulata-globeleza-um-manifesto/>
- Henge, G.S. & Behenck, R.L. (2008). O discurso da análise de discurso: Quando língua e história se encontram. *Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 8.+
- Hirata, H. (2014). Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo social*, 26(1), 61-73.
- Hypeness (2020) 'BBB': *Thelma campeã faz Leifert e mãe chorarem e mostra urgência de feminismo mais plural*.  
<https://www.hypeness.com.br/2020/04/bbb-thelma-campea-faz-leifert-e-mae-chorarem-e-mostra-urgencia-de-feminismo-mais-plural/>
- Isto é (2014). *Os Reality shows são o espelho da sociedade*.  
[https://istoe.com.br/350102\\_OS+REALITY+SHOWS+SAO+O+ESPELHO+DA+SOCIEDADE+/](https://istoe.com.br/350102_OS+REALITY+SHOWS+SAO+O+ESPELHO+DA+SOCIEDADE+/)
- Karhawi, I. (2016). Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. *Tendências em comunicação digital*. São Paulo: ECA/USP, 39-58.
- Moutinho, K & Conti, L.D. (2016) Análise narrativa, construção de sentidos e identidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2).
- Notícias da TV (2019). *Primeiro BBB teve eliminação de Marisa Orth, polícia e cachorra abandonada*.  
<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/bbb/primeiro-bbb-teve-eliminacao-de-marisa-orth-policia-e-cachorra-abandonada-24442?cpid=txt>
- Orwell, G. (2009) *1989*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rabelo, J.O.C.C. (2017) Mídia como dispositivo de saber/poder. *Revista Sifio (Vol. 5)*, 35-48.
- Silva e Silva, T. (2017). O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. *Direito UNIFACS–Debate Virtual*, (201).
- Souza, B. K. D. (2012). *A relação entre práticas de confissão e produção de subjetividade em Michel Foucault*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.
- Souza, C. P. D. (2017). *Gaslighting: "você está ficando louca?": as relações afetivas e a construção das relações de gênero*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Souza, E. (2012). A Linguagem e seus Efeitos na Constituição do Sujeito. *III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade*.